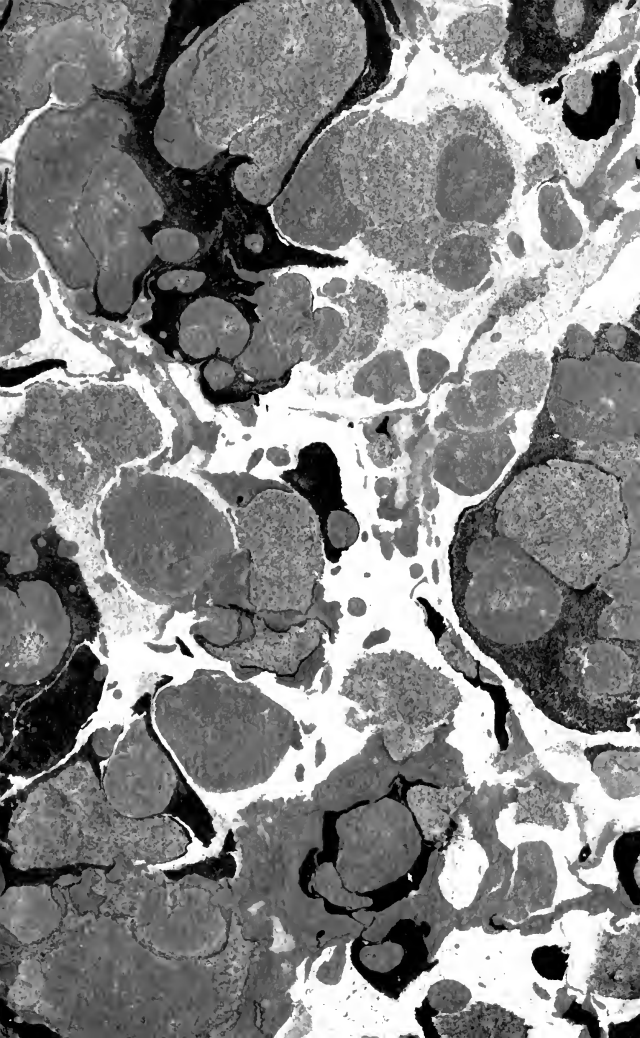




R.B. 36,593



*Presented to the*  
LIBRARY *of the*  
UNIVERSITY OF TORONTO  
*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton







R

ALMANAK  
DAS  
MUSAS,

NOVA COLLEÇÃO  
DE POEZIAS.

OFFERECIDA

AO GENIO PORTUGUEZ.  
PARTE III.



LISBOA:

Na Offic. de JOAÕ ANTONIO DA SILVA,  
Impressor de Sua Magestade,

A N N O M. DCC. XCIII.

Com licença da Real Meza da Commissão Gerat  
sobre o Exame, e Censura dos Livros.







TRADUCCÃO  
D A  
O D E I.  
D E H O R A C I O

A  
M E C E N A S

*Em que o Poeta mostra dezejar só a gloria  
da Poezia , principalmente da Lyrica.*

**O**uve, ó Mecenas, que de Reis descêdes,  
Tu que me honras, tu que me defendes:  
Ter de Olimpico pó cuberto o rosto  
Em honroza carreira he d'huns o gosto:  
Girando em torno a perigoza meta  
No veloz carro o destro, o forte Athleta  
Sem que as rodas lhe toquem, se afignala:  
E esta victória aos Deozes os iguala.

A este á que os Romanos inconstantes  
Daõ á cinte os empregos mais brilhantes;  
A'quelle que em celeiros mil recolhe,  
Quanto nas Africanas eiras colhe

Satisfeito em cavar , e costumado  
 Nos patrios campos có rompente arado ,  
 Se em Cypria não convidas ao undozo  
 Már Egêo turbulento , e perigozo ,  
 Nunca do feu estado os inquietas ,  
 Bem que as riquezas d' Atalo prometas.

Em quanto có as Icarías ondas luta  
 O africo vento , tímido se escuta  
 O Mercador louvar apáz , que goza  
 A campina da Patria deleitoza.  
 Eis chega ao porto, as Náos reforma á preça,  
 Receia que em miseria alí pereça.

Sacrificão alguns parte do dia  
 Ao doce vinho , que a Campania cria  
 Ora na verde relva reclinados ,  
 Junto da branda fonte , ora sentados.

Do Campo Marcial a rica pompa ,  
 E o mixto som da clarineta , e trompa  
 Agrada a huns , a quem a guerra agrada ,  
 Pelas Mays sempre , e sempre detestada.

Ao caçador nem lembra a terna Esposa  
 Velando em noite frigida , e chuvoza :  
 Ou porque os fieis cães co' a corça deraõ ,  
 Ou porque a rede os Javalis romperaõ.

A era, que honra o sabio, esta samente  
 Entre os Deozes me põe: fujo da gente  
 Ao frio bosque a ouvir suaves côros  
 Das Ninfas, e dos satiros sororos;  
 Quando a tocar o Lybico alaude  
 Polimnia inspire, e Euterpe a flauta ajude;  
 Se entre os Liricos vates me numeras,  
 Eu subirei ás luzidas espheras.

D. C. B.



## L E B R E I D A

O U  
C A Ç A D A R E A LD A S  
L E B R E S.

**E**U canto a Magestade, o Fausto, a Pompa,  
 Com que vi o meu Rei aquelle dia,  
 Que ao som festivo de doirada trompa  
 Seu leal Povo a ve-lo concorria.  
 Ninguém a terra pize, ou o mar rompa,  
 Q' a ouvir-me não se encha d'alegria;  
 Como se encherà de alegria, e espanto  
 Quem vio o Grande Rei, que alegre eu canto.

## II.

Naõ vai ao espectáculo d'horrorosas  
 Feras, que hum dia aos miseros humanos,  
 Rodeados de turbas bellicosas,  
 Custumavaõ lançar impios tiranos:  
 Justas, torneios, lutas caprichosas,  
 Que produziaõ só funestos damnos.  
 Naõ vai a isto hum Rei Pio, e Prudente,  
 Q' impera amando a Lusitana Gente.

Dei-

## III.

Deixa , triste Melpomene , que hum dia  
 Do teu furor m'aparte , e que procure  
 A suave influencia de Thalia ,  
 Com que a voz neste canto eu mais fejure :  
 Estilo claro , solida alegria  
 Ella fará , que nos meus versos dure ,  
 E que eu possa pintar tanta grandeza  
 Sem misturar-lhe sombra de tristeza.

## IV.

E a quem se não a Vós , Augusto Neto  
 Do Rei , que louvo , e que respeito tanto ,  
 Já por obrigação , já por affecto ,  
 Eu devo offerecer tudo o que eu canto ?  
 Dai-me o vosso favor , que eu vos prometo ,  
 Que a voz , que enfraquecida aqui levanto ,  
 Quando coragem noya alegre tome ,  
 Leve por todo o Mundo o vosso Nome.

## V.

Com vosco nos meus versos tambem quero  
 Pelo Orbe levar os Lusitanos ,  
 Qual o doce Virgilio , e o grande Homero  
 A nós trouxeraõ Gregos , e Romanos.  
 O meu canto , Senhor , eu inda espero ,  
 Que o façais conhecido entre os humanos :  
 Inda espero , que o mundo estime munto  
 Meus versos , de que haveis ser Alto Assunto :

## VI.

E se acaso julgais , que eu sou pequeno  
 Para em vossos louvores empregar-me ;  
 Do Grande Avô ao poderozo aceno  
 Eu bem sei quanto posso levantar-me.  
 E talvez ouvirá o Indo , e o Rheno ,  
 Se o vosso amparo não quereis negar-me ,  
 Mais do que tem ouvido tantas vezes  
 Dos vossos respeitaveis Portuguezes.

## VII.

Porém , Principe Augusto , agora em quanto  
 Eu não posso chegar ao que desejo ;  
 Em quanto inda não posso fazer tanto ,  
 Quanto merecem as acçoens , que eu vejo ,  
 Ovi os naturais versos , que eu canto ,  
 E ponho nas benignas mãos , que bejo.  
 Custumai-vos a ouvir com que verdade  
 Fallo da mais Augusta Magestade.

## VIII.

No Mez , a que deo nome o Deos bifronte,  
 Em que o giro dos annos principia ,  
 Quando se crôa d' alvo gelo o monte ,  
 E inda não nos visita Progne impia ,  
 Quando o ardente Pai do vaô Phactonte  
 Os seus raios parece em neve esfria ,  
 Quando o frio Aquilaõ sopra com raiva ,  
 E os troncos despe a horrifona faraiva.

Em

## IX.

Em hum dia , em que o Sol desembrulhava  
 As densas nuvens d'humidos vapores ,  
 E por entre ellas mesmas espalhava  
 Sobre a terra brilhantes resplandores ,  
 Vibrando o turvo ar então foava  
 Vóz de marciais clarins , e de tambores :  
 O estrepito dos brutos já se ouvia ;  
 Mas não causava horror , tudo alegria.

## X.

Corre então muita gente velha , e moça ,  
 Por cujas mãos o trigo se semeia ,  
 Sem guarda fica então rebanho , e choffa  
 E não fica hum só rustico na Aldea.  
 Hum com rudes palavras , e voz grossa  
 Conta o estrago da passada cheia :  
 Vem ver o Rei , que soube libertar-nos \*  
 Da fome , que marchava a desolar-nos.

Po-

---

\* He bem sabida a providencia , que  
 Sua Magestade dera para se tornarem a se-  
 mear os campos do Riba-Tejo quando a  
 cheia de 1771. lhes tinha levado as se-  
 mentes &c. &c. &c.

Povo , e mais Povo , vai correndo áquellas  
Estradas , porque o giro está disposto ;  
Povoão as mulheres as janelas ,  
Querem ver todos do Monarcha o rosto :  
Co' as enrugadas faces , e amarelas  
Por mão do filho , ou a hum páo d' encofsto  
Hum velho , e outro à porta se chegava ,  
Onde o seu grande Rei ver esperava.

## XII.

Com a brilhante Cruz se vê ao peito  
Hum a nobre Gineta recostado ,  
E as cáas , que inda lhe daõ maior respeito,  
Orna o chapeo com oiro circulado.  
E da cansada vida satisfeito  
Vem ver quem o sustenta , e o tem honrado,  
E aos patricios , que vê postos em roda ,  
Conta as façanhas de sua vida toda.

## XIII.

Inda me lembra , diz erguendo a fronte ,  
Que fazem inclinar pezados annos ,  
O aparato , o trem , e a rica ponte ,  
Porque Carlos passou , e os Castelhanos. \*\*  
Mas de que serve agora que eu vos conte  
O que fez Pedro , Rei dos Lusitanos ,  
Quando ainda , he maior he mais completo,  
O magnifico Fausto de seu Neto ? En-

---

\*\* No tempo d' El-Rei D. Pedro II. fôï sumptuosissimo o apparatus com que se recebeu Carlos III. a quem auxiliaraõ depois tropas Portuguezas &c.



## XIV.

Então em mais robusta, e forte idade  
 O fui servir a Broças, e a Monsanto:  
 Inda a carniceria, a mortandade  
 Daquelles choques faz no mundo espanto.  
 Acabou-se o vigor da mocidade;  
 Froixa velhice já me abate tanto.  
 Mas inda sinto, em vendo o Augusto rosto,  
 Fortalecer-se o coração de gosto.

## XV.

Por Elle inda com esta, e hia empunhando  
 A larga espada, que lhe pende à cinta,  
 Vendo-se a crespa pelle ir já tomando  
 A cor, com que o valor o gesto pinta.  
 Esta, que os inimigos defarmando,  
 Foi tantas vezes no seu sangue tinta,  
 Farà que de seu Rei nunca se esqueçaõ,  
 Os naturais, e os outros o obedeçaõ.

## XVI.

Quem diante de mim negar se atreve,  
 Que he Elle o nosso Bem, nossa Ventura?  
 Que a policia da Corte se lhe deve  
 Que os campos teni por Elle mais cultura?  
 Diga-a fabia Minerva quando esteve  
 Assim tão respeitada, e tão segura  
 Dando leis ao Universo com socego  
 Nas aprasiveis margens do Mondego?

Tu,

## XVII.

Tu, ò nova Lisboa, que levantas  
 Nova face gentil d'entre as ruínas,  
 Tu fim, por bocas mil, por mil gargantas  
 A decantar seu Nome grata ensinas.  
 Eu bem oiço, e ouvem todos, que tu cantas  
 Co' as Sciencias, e as Artes peregrinas,  
 O Nome, que respeita o mundo inteiro  
 Do Rei de Portugal, Jozé Primeiro.

## XVIII.

Jà de gritar o Velho enrouquecia,  
 Huma palavra a outra sufocando,  
 Ternura, gosto, amor, e valentia  
 Foi insensivelmente misturando.  
 Mas suspendeo as vozes, quando ouvia  
 Som guerreiro, que ao longe vem soando,  
 E ao longe as ricas fardas vermelhavaõ  
 Com as tecidas pratas, que as ornavaõ.

## XIX.

Eraõ estes, que a tudo precediaõ,  
 Em ligeiros cavallo's bem montados,  
 Os carros de clarins, que já se ouviaõ  
 De sonoros timbales alternados.  
 Outros d'iguaes librês logo os seguiaõ,  
 Que traziaõ no braço apoleirados  
 Com os olhos tapados os Açores,  
 Que haviaõ fer no campo os contendores.

Com

## XX.

Com doiradas coleiras nos pescoços,  
 Leves cumpridos galgos vão diante,  
 Puxaõ pelas cadeias, bellos moços,  
 Que em os deter trabalho tem bastante.  
 Saõ inda na barriga menos grossos  
 Que pelo magro peito; de galante  
 E pequena cabeça hum pouco aguda,  
 A cauda longa fim, mas não felpuda.

## XXI.

Atraz da vistofissima caterva  
 Rica liteira mulas carregavaõ;  
 Onde outras muitas aves de rezerva  
 As bordadas cortinas ver deixavaõ.  
 A turba espectadora, que isto observa,  
 E a todos, que confuzos a admiravaõ,  
 O artificio a fazia inda mais grata,  
 Que o seu fino veludo, o oiro, e prata.

## XXII.

Que improvizo murmureo reboliço!  
 As lizas calvas descobrindo os velhos,  
 Os moços com hum modo mais submiço,  
 Baixaõ as testas, dobraõ os joelhos:  
 Barras eu cuido ver d' oiro maciço  
 Sobre amarelos panos, e vermelhos.  
 Tanto inferior he esta pompa áquella,  
 Quanto ás luzes do Sol a-de huma estrella,  
 Co-

## XXIII.

Como alegre o Mineiro desentranha  
 Da terra dura, ou d'entre a folta arêia,  
 Coloridos topazios, e os apanha,  
 E ambicioso o animo recreia:  
 Mas vendo do diamante a luz estranha,  
 Se confunde de gofio, e titubeia  
 Por ir a aporveita-lo, deixa tudo:  
 Assim deixo esta pompa, á outra acudo.

## XXIV.

Sobre valente bruto de côr negra,  
 Que pelas largas ventas fumegando  
 Ligeiras mãos, e pés move com regra,  
 Faz a terra tremer, que vai calcando,  
 Vejo o Grande Jozé, que anima, e alegra  
 Ao povo, que o espera ajoelhando,  
 E a magestosa face, no Augusto Rosto  
 Derrama sobre todos gloria, e gofio.

## XXV.

O Marialva illustre o-acompanha,  
 Como Estribeiro Mór, e vem montado  
 Em bravo bruto d'huma côr castanha  
 De doirados arreios jaezado:  
 De espumoso fuor o corpo banha,  
 Tanto a tempo se move, e concertado,  
 Que mostra que respeita, teme, e estima  
 O Cavalleiro bom, que tráz em cima.

## XXVI.

Logo o Monteiro Mór, o Illustre Mello  
 Do outro lado o-acompanha sobre  
 Hum generoso, e bem fiel, murzello,  
 Seguro o passo, socegado, e nobre  
 O metal que aos avaros faz disvello  
 Lhe esmalta o freio, e os jaezes cobre,  
 E as fitas, como aos outros, enlassadas  
 Lhes fazião as crinas matizadas.

## XXVII.

Branco animal ao ar facode a terra,  
 Que a mão ferrada apanha, e traz em cima  
 Com a Deoza da Caça, ou a da Guerra,  
 Vaidoso sopra, e tudo em pouco estima.  
 Prole de Chile veio a Salvaterra,  
 A quem o movimento airoso anima,  
 Não fingida Minerva, nem Diana,  
 Mai verdadeira, Augusta Mariana.

## XXVIII.

Da excelsa fundadora de Carthago,  
 E da Sabia Zenobia do Oriente,  
 E outras, que o povoado mundo, e o vago  
 Encheroão de seu nome illustremente,  
 Não, não se chore a perda: o mundo he pago;  
 Com bastante razão d'estar contente,  
 Nessa, que sobre o bruto o campo trilha,  
 Que o guia, que o afaga, leva, e humilha.

## XXIX.

Gira Sangue Real dentro das veias  
 Deste , que a segue General famoso ,  
 Que rege os nossos mares , e às alheias  
 Terras , manda seu nome respeitoso ,  
 Vem sobre airoso bruto , que traz cheias  
 De branca espuma as ancas , e o formoso  
 Peito , que vai sustendo os pés , e os braços  
 Seguindo , e imitando a outro os passos.

## XXX.

Generoso alazão segue mascando  
 O duríssimo ferro , que o refreia ,  
 Levando alegre a frente , e vai deixando  
 Impresso o passo sobre a loura areia.  
 Parece que se ensaia assim pizando  
 Na terra propria ao que fará na alheia  
 Co' o Grande General , que traz em cima  
 A' testa dos Exercitos , que anima.

## XXXI.

Sim : este General , que tem gravado  
 No seu tranquilo aspecto alto respeito ,  
 O filho , o grande Aveiras , traz ao lado  
 Da lição , e do exemplo satisfeito.  
 Em outro bruto de igual côr montado ,  
 D' huma anca bem fornida , e largo peito ,  
 Que parece acompanha relinchando  
 O som guerreiro , que lhe vão tocando.

## XXXII.

Sobre hum castanho escuro, que maneja  
 Também com regra, e ligeireza os braços;  
 E cuja longa cauda ao vento ondeja  
 Co' as soltas pontas dos vermelhos laços,  
 Vem o Real Infante, que dezeja  
 Sempre ao Rei, Sogro, Irmão seguir os passos,  
 E do sereno Rosto a Magestade  
 Bem se vê transpirar santa Piedade.

## XXXIII.

Bem que mais clara a côr também castanha  
 He d'outro bruto a nedia, e liza péle,  
 E a tantos quantos pizaõ a Campanha,  
 Não cede em graça, e valentia áquelle:  
 O garbozo Illustrissimo Saldanha,  
 Eu o-estou admirando, he quem vem nelle;  
 Co' a redea o passo ao bruto suprimindo  
 O seu Amo Real lá vem seguindo

## XXXIV.

Vem a turba de Illustres Cavaleiros  
 Com vestidos riquissimos ornados  
 D'ouro, e prata, a diviza dos Guerreiros;  
 Os mais de lindas côres matizados:  
 Vem sobre airofos brutos, e ligeiros,  
 Que parecem levantaõ compaçados  
 Os pés, e as mãos, fazendo os movimentos  
 Ao som dos bellicosos instrumentos.

## XXXV.

Aquelles são os principaes , aquelles  
 Compõe de Portugal a alta Nobreza ,  
 Debalde he repetir o nome delles ,  
 Que a Fama espalha em toda a redondeza.  
 Vê Francisco , os teus Silyas , e os teus Telles ,  
 E outros , que brota a terra Portugueza :  
 Illustres ramos d'arvore tamanha ,  
 Q' onra c'os frutos seus toda Alemanha.

## XXXVI.

Farta essa juvenil curiosidade ,  
 O nobre tronco vê d'onde descendes ,  
 O valor , a Sciencia , a heroicidade  
 Dos teus maiores , que imitar pretendes.  
 Porém em quanto a ver a quantidade  
 Dos heroes do teu tronco te suspendes ;  
 Eu vou continuando com meo canto ;  
 Porque não posso dilatar-me tanto.

## XXXVII.

Seis corpulentos urcos , levantando  
 Pezadas grossas patas brandamente ,  
 Rico , e pompozo coche vem tirando :  
 A roda trilha o chão , e mal se sente.  
 Sobre as pontas dos pés se está firmando  
 Para velo admirada toda a gente :  
 Penhor da Lysia , Principe Menino ;  
 He cauza deste alegre defatino.



## XXXVIII.

Agora são mais, e mais clamores,  
 Ninguém sofre que a vista outrem lh' impeça:  
 Os pequenos se queixão dos maiores,  
 Hu' para ver melhor ergue a cabeça.  
 Manchadas pelles de graciosas côres  
 São as dos brutos, que conduzem nesse  
 Berlinda a sua Augusta Mãe, com ella  
 As três Reais Irmãs, aqual mais bella.

## XXXIX.

Aos brutos, que talvez mal governados  
 Precipitarão o infeliz Phaeronte,  
 Qu' o Orbe girão nunca fatigados,  
 Pirôis, Phlegonte, Eoo, e o bravo Ethonte,  
 Fazem inveja aquelles, que guiados  
 Por hum experto auriga, erguida a fronte,  
 Ali vão conduzindo com vaidade  
 A Beleza, a Virtude, a Magestade.

## XL.

Inda d' hum lado, e outro *viva, viva*  
 Se está com vós alegre repetindo,  
 Em quanto em outro coche a comitiva  
 D' Illustres Damas ali vem seguindo.  
 He tofco o meu pincel, bem não aviva  
 A imagem do que vou mais distinguindo,  
 Nem eu tento do Verso na estreiteza  
 Poder recopilar tanta grandeza.

## XLI.

Novo , e grande tropel manda aos ouvidos :  
 Pelas ferradas mãos o chaõ trilhado  
 De mil ligeiros brutos prevenidos  
 Para suprir algum , que for cansado.  
 Os jaezes , de qu' elles vem cingidos  
 Cobre pano riquissimo , e bordado ;  
 E das ricas librés nas varias côres  
 Se distinguem quais faõ , de quais Senhores-

## XLII.

Pelo campo em cumprida ala s'estendem :  
 Já muda a comitiva de figura ;  
 Já os sofregos galgos se desprendem ;  
 E o raivozo Falcaõ vê a luz pura.  
 Parece , que estes brutos já entendem  
 Ao que foraõ trazidos ; pois procura  
 Cada hum seu lugar : questaõ discreta !  
 Hum Philozofõ a-trate , eu sou Poeta.

## XLIII.

Sei que a timida lebre , que se acoita  
 Entre pequenos ramos percebendo  
 As vozes , e o tropel , foge da moita ;  
 Mas o galgo veloz segue-a correndo.  
 E o rapido Falcaõ , que o ar acoita  
 Co' as fortes azas lá do alto vendo ,  
 Vem logo com bravissima destreza  
 Tirar a vida a hum , e a outro a preza.

Vai

## XLIV.

Vai das rompentes unhas pendurado  
 O pequeno animal, o povo grita:  
 Pára o ligeiro cão, como pasmado,  
 Sobre o successo quazi, que medita:  
 Ora se move a hum, ora a outro lado:  
 Move a cauda co' a vista no ar ficta;  
 Mas vê correr ao longe outros, e corre  
 Em quanto a lebre ensanguentada morre!

## XLV.

Ainda estão a este o premio dando  
 Da, que trouxera arrebatada, preza;  
 Vem negras gralhas pelo ár gasnando,  
 Vôa outro com rapida braveza:  
 Huma quer escapar-lhe confiando  
 De suas leves azas na destreza;  
 Mas eila cae sobre o picante tojo  
 Das duras garras mizero despojo.

## XLVI.

Fogem aqui quadrupes ligeiros,  
 Bando aligero ali se turba, e espalha;  
 Dos Falcoens são os galgos companheiros;  
 Ha na terra, e no ár igual batalha.  
 Aqui tem os instantes derradeiros  
 Calada lebre, e gritadora gralha:  
 Chove sangue do ár, na terra corre  
 Sangue das vêias do animal, que morre.

Como

## XLVII.

Como á garra tenás dos diligentes  
 Falcoens nada se encontra, que rezista;  
 Assim ao braço das heroicas gentes,  
 Que reges, Grande Rei, e tens á vista.  
 Para o experimentar basta que intentes  
 Novo Imperio ganhar, nova Conquista:  
 Verás que as mais lhes fogem nas batalhas,  
 Quais do altivo Falcão, Lebres, e Galhas!

## XLVIII.

Mas não: candida Paz co' as longas azas  
 Cubra, e defenda a Lusitana terra,  
 Em quanto homens, Cidades, campos, cazas  
 Desôla ao longe o ardor vorás da guerra.  
 Troia, e Carthago estaõ campinas razas,  
 E o seu funesto cazo nos aterra.  
 Nem consente a tua alma santa, e pia  
 Para a vâa gloria tanta tyrania.

## XLVIX.

He gente Lusitana, assim remato;  
 Della tem dito já bastante a Fama.  
 Vê que foi Lusitano Viriato,  
 Lusitano tambem o Illustre Gama.  
 E outros muitos agora não relato,  
 Cujos nome no mundo se derrama,  
 E tem corrido em mais suaves rimas  
 Diversas regioens, diversos climas.

Erguei

Erguei, Principe Augusto, erguei a testa;  
 Vede do Grande Avô grandes vassallos,  
 Specie, d'humanos, singular he esta;  
 Já desde agora começai a honra-los.  
 E o ouvido inclinaí a quem protesta  
 Não só co' as acçoens vossas anima-los;  
 Mas a estranho Paiz, e a estranhos Povos  
 Levár do novo Héroe louvores novos.

**D. C. B.**



BILHETE DE BOAS FESTAS ;

E A N N O S B O N S .

AO EXCELLENTÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO  
SENHOR ARCEBISPO  
INQUIZIDOR GERAL

C O N F E S S O R

RAINHA NOSSA SENHORA.

**E** Is-me a vossos pés prostrado,  
Dai-me a beijar essa mão  
Capaz de mudar meu fado,  
E que em piedosa intenção  
Me tem beneficiado.

Por esta occasião, por esta  
Eu vos venho apparecer  
Hoje com cara de festa,  
Enfeitada do prazer,  
Qu' entre esperanças me resta :

Felices annos conteis,  
Pedir aos Ceos me compete,  
E fazei vós, que podeis,  
Me seja o-de oitenta e sette  
Melhor, que o-de oitenta e seis.

Este

Este o tempo, vós sabeis,  
 De cumpridas profecias :  
 Tenho fé nas que fazeis,  
 Lembro mais, que estou nos dias  
 Dos donativos dos Reis.

Mas temo huma má ventura,  
 Que tudo o meu me baralha,  
 E cruel talvez procura  
 Embrulhar-me na mortalha,  
 Tristes bens da sepultura.

Dai-me vós algum conforto,  
 Marcaí mais curta esta meta:  
 Q' ás vezes pondero aborto,  
 Que já Camoens o Poeta  
 Foi feliz depois de morto:

Quizera que a Real Mão,  
 Que faz felices as gentes,  
 Me tirasse de aflicção:  
 E em quanto inda tenho dentes  
 Me desse da Igreja o Paó.

E mais que o proprio sustento  
 Vai-me a honra interessada,  
 Porque haverá fraudulento,  
 Q' afirme, que não ter nada  
 He não ter merecimento.

Fora o meu crime cantar,  
 Se isto crime pode ser!  
 Agora vou-me a mudar  
 De cantar para comer,  
 A comer para rezar.





## DITHYRAMBO \*

**A** O fulvo solar coche luminoso ,  
 Que os fervidos Etontes  
 Com impeto fogozo  
 Arrastraõ nos purpureos Orizontes ,  
 Eu subo , eu subo , que o prazer me instiga ;  
 E á Delfica Deidade ,  
 Que os Ceos aformozêa ,  
 Roubando senhorio , e devindade ,  
 Parar farei a rapida Quadriga  
 No Zenith d' Ulissea ;  
 E o dia triplicando  
 Do chãos furdo á filha umbroza , e fea  
 Farei do vasto firmamento Etherio ,  
 Que as furvas longas azas encurvando  
 Frema açaimada no covil Cimerio :  
 Quero que Lizia veja  
 Que hum triduo , sua dita  
 Illuminado o Ceo tambem festeja :

Eu

---

\* Nas faustas melhoras do Setenissimo Principe do Brazil , o Senhor D. JOÃO.

Eu posso , oh Luzos , se a razão me excita ,  
 Não só reger os fulgidos Etontes ,  
 Deter os Orbes , transplantar os montes ,  
 Como também do Solio fulgurante  
 De tronar Panomphêo Celi-tonante.

Que o Nume de Niza ,

Que os tristes alenta

E d' alma afugenta

O frio Temor :

Que a brindes Evantes

Requesta as vontades ,

A's mesmas Deidades

Me faz superior.

Eia homanos brindemos , brindemos

A cauza suprema da nossa alegria ,

De Falerno huma cuba aqui temos ,

Que ao Nectar excede , q̄ excede a Ambrozia ;

Eu seja o primeiro ,

Que audaz , prazenteiro

Lhe finta a virtude.

Em honra do Nome

Do ledo Nizeu

Empino hum almude :

E vohè . . . . Bassareu.

Eis vaõ , munifico , Lucido Principe ,

Eis vaõ á tua ditoza saude

Tres taças , seis taças , dez taças . . . .

Que alegria ! lá foi a primeira.

Já posso cantar tuas graças ,

Já posso com vós lizongeira ,

Briseu cornifronte ,  
 No bifido monte  
 A's Pimpleides argutas formozas  
 Deixar encantadas ,  
 E fazer , que das mãos engraçadas  
 As numerozas  
 Lyras douradas  
 Lhe caiaõ com pafmo por terra quebradas.  
 Ouvio da ingenua Lizia  
 O Ceo benevolo as fervidas supplicas ,  
 E eis que em foccorro do Luzo Principe ;  
 Que em vaõ luçtava co' Mal tiranico  
 A' terra envia Saude angelica ;  
 Ao vela a torpe Doença rabida  
 D' horror folta , famelica  
 Ceruleas flamas da bocca tabida ;  
 Posta na frente bellica  
 D' hum maligno esquadraõ d' atrozes Dores  
 Fevres agudas , Ancias , e Tremores  
 Investe a Nympha impavida ,  
 Que neste ensejo de triumphos avida ,  
 Lhe frustra as iras , lhe agrilhõa os pulsos ,  
 Faz na caterva sanguinozo estrago :  
 Foge a vencida Fera ao Estigio lago  
 Ferrando as prezas nos tendoens convulços ;  
 E na furna da Morte despiedada ,  
 Os olhos envesgando  
 E as verdes crinais Serpes arrancando ;  
 Se esconde enviperada ;  
 Canta a Nympha potente os Epenicios

E os Luzos exultando  
Aos Ceos offertaõ gratos sacrificios:

D' Evio murmura

Nos enramados

Copos dourados

Roxo licor.

Taças se empinaõ ,

Libaõ-se almudes ,

D' altas faudes

Sôa o fragor.

Venha , venha hum tonel portentozo  
D' almo elixir maçaõ trimato borbulhante ,  
Que para nosa gloria Espafio ebri-saltante

Em valle pampinozo

Virente , racemozo ,

Tirfigero , bibozo ,

Produz , fozona , ovante ,

Que quero temulento

Tericles \* perpotante

Deixar no esquecimento.

Evan Tionio , Evohé.

Da-me desse Tokai mais corado ,  
Que a corada papoula , que Ceres femêa  
Entre as pallidas messes , que Zefiro ondêa ;

Da-me desse licor afamado

De Champanha , de Chypre , de Chio

Genial , saborozo , fadio ,

Que

---

\* Tericles hum dos mais celebres bebedores , que teve a antiguidade.

Que intento prostrado ,  
 Cantando este dia ,  
 Da nossa alegria  
 A cauza brindar.

Viva o Magnanimo , o Inclito Principe ;  
 O Sabio Prudente , J o A ó virtuozo ,

Viva o Regio Esposo  
 De CARLOTA bella  
 Radiante estrella ,  
 Que benigna augura

A gloria d' Hiberia , de Lizia a ventura :

Porém que sinto em mim ?

Que alegre fernezim

Assalta o peito meu ?

Es tu , Es tu ? Leneu ?

Es tu , Bromio ? Evohé !

He elle , amigos , he !

Que de novo a saudar me convida

O benefico Heroe florecente ,

Que da vaniloquente

Soberba entumecida

As pulullantes cabeças golpêa ,

Que à bifrente Lizonja sopêa

A' Lizonja tiranica Esphinge ,

A' Lizonja , que em torno semêa

Dos fastozos palacios , que cinge ,

A Cizania , a Calumnia doloza ,

A Fraude capsoza :

Mas xiton , escutemos . . . . evohé

O ecco estrepitozo

D' altifona Thymele

A cujas vozes turbidas , festivas  
Assoma ebri-formozo  
O filho de Semele  
Entre confuzos vivas ;  
Mil corimbiferas pallidas Menades  
Gritando , ululando  
Saltando , exultando  
Lhe vem circundando  
O vite-enramado  
Carro estridente bijugo , dourado ;  
Que arrastraõ furiozos  
Os mosqueados Tigres pressurozos.  
Evhoé Mimalonides , vinde  
Vinde Thirsifero rubido Ménoles  
Vinde, vinde , façamos hum brinde  
Almudes libemos ,  
Corêas travemos ,  
Saltemos , dancemos ,  
E alegres brademos ,  
„ Viva o magnanimo , o inclito Principe ;  
„ Qu' áde arvorar as tremulantes Quinas  
„ D' Imperios subjugados  
„ Sobre as fataes ruinas ,  
„ Vendo a seos pés curvados  
„ Climas ignotos , mares insulcados ;  
„ Ea Lizia armi-potente  
„ Da septicolle Roma  
„ Feliz emuladora ,  
„ Engrinaldando a torreada frente  
„ Da rama vencedora  
„ Fará

5, Fará do mundo tutelar Senhora.

o Mas silencio , outro brinde , mais nada,

Que já titubeo ,

Que já cambaleo ,

Que já tenho cheio

Da celeste Ambrozia rozada ,

O peito , que anhela ;

Outro brinde , que já me esquecia ;

Do Brazil à Princeza formosa

A' formosa CARLOTA , mais bella

Do que ao raiar do dia ,

De Phebo a percursora radioza ,

De CARLOTA , a quem sempre á porfia

Os Rizos , as Graças ,

Em nitido bando

Lhe estão volteando

O rosto gentil.

Evohe bom Lieu , não me illudes

Para regias , supremas , faudes

Descorado

Naõ me des licor ,

Que não tem valor ;

Mas que imite sim

Na purpurea cor

Ao gentil rubim.

Desse , desse Nictileu

Que escarlata escuma faz ;

Que envergonha o rubor teu ;

Desse gosto , esse me apraz.

Viva o magnanimo , o inclito Principe

Mais fabio , pio , e justo ,  
 Qu' Aurelio , Tito , Augusto.  
 Porém que sinto , Bassareu placido ?  
 Nublaõ-se os olhos , a terra foge-me ;  
 Truncaõ-se as vozes , a idea turba-se ;  
 Cantar os dotes do amavel Principe  
 Não pode a eburnea já rouca Cithara.

Cantores inclitos

Suaves canticos

Lhe entoem fervidos ,

Em quanto eu avido ,

Nas raças fulgidas

Do rôxo Mênoles ,

Lhe faço prodigio

Saudes mil.

P O R

B. M. C. S. T. d S.

aliás

*Belmiro Transtagano.*



## OS LAGAREIROS.

## IDILIO.

**E**M quanto á fresca sombra dos loureiros  
 D'esse Academo Bosque, amado Alcino,  
 Feres com subtil pletro a lira d'ouro;  
 Humas vezes detendo, outras frangindo  
 Ruidozos Tufoens, negras Procellas;  
 Por hum pouco tirando a mão das cordas,  
 Escuta huns versos novos, que cantavam  
 Em novo estillo aqui, onde correndo  
 Mançamente se espraia o claro Vouga,  
 Dois famosos, e fortes Lagareiros,  
 Que dentro em meu lagar, as doces uvas,  
 Esta fertil colheita, hiaõ pizando.

## L A G A R I N O.

Tosco, e rude Bagallio, não reparas,  
 Como meches os pés? Acazo penças,  
 Que isto he eira de trigo, onde escoucinhaõ  
 Outros tais, como, tu sempre rinchando?  
 Quem te mete a pizar as doces uvas,  
 Se não sabes move.º as gordas pernas?

## B A G A L I O.

Lagarino mordas, e quem te mete  
 A criticar aquillo, que não sabes?  
 Tomara saber eu, onde tu foste  
 Aprender conculcar os negros cachos,  
 De que engrinalda a fronte o roxo Bacho?  
 Suponho foi talvez n'algum lameiro  
 Com teus parciaes Collegas grunhídores.

## L A G A R I N O.

Vai-te longe daqui, fuge profano,  
 Que já sinto chiar as grossas rodas  
 Da carroça velós, onde sentado  
 O grande Bassareo c'ó Tirso punge  
 As fanhudas Pantheras: Se te apanha  
 Neste sacro lugar, no quente mosto,  
 Raivozo te mergulha a hirsuta fronte,  
 Espinhada por fora, ouca por dentro.

## B A G A L I O.

Há quem tal ouze ouvir! Hum insensato,  
 Hum, louco palrador, que nunca fora  
 A's festas Bacchanais Bromias orgias!  
 Que já mais celebrou as Antisterias  
 No frugifero Outono, ou as primicias  
 Das vinhas foi levar, croado de era,  
 Em cabazes de murta ás Santas Aras

Do grande Niçtileu , falar se atreve  
 Em couzas que não sabe ! Ah se não cerras  
 Lagarino mordas , a infame boca  
 Saboè clamarei , e verás logo  
 Como cede a meu canto , e te castiga  
 O Sacro Bassareu , o roxo Bromio.

## L A G A R I N O .

Inda esta me faltava ! Há quem tal diga ?  
 Pois tu sabes cantar Bagallio infano ?  
 Em que lugar cantaste , ou em que festa  
 Ao rouco som dos roucos atabales ,  
 Com suave cadencia repetindo  
 Evohé , Niçtileu , Dionizio , Jacco ?

## B A G A L L I O .

Sempre és enredador. Já te não lembra  
 Das passadas vindimas do outro outono ,  
 Quando croado d'era , e verdes parras ,  
 Com hum Tirso na mão entrei nas festas  
 Do sacro Niçtileu , todo cuberto  
 D'uma pelle de Capro gadelhuda ,  
 Onde vencê cantando quantos foraõ  
 Celebrar as alegres Antisterias ?  
 Não te lembras preverso , Lagarino ,  
 Q' em premio , da victoria as alvas Ninfas  
 Me fizeraõ sentar sobre huma pipa ,  
 Enfeitado de pampanos , e rozas ?

## L A G A R I N O.

Já me lembra Bagallio , foi na tarde ,  
 Em que , saltando muito por tres vezes ,  
 Estiraste esse corpo no terreiro :  
 E que a terceira vez escorregando  
 Cos focinhos , pregar fofo sem tino  
 Na pipa , a que meteste os tampos dentro ,  
 A cujo estrondo a chusma das Bacchantes  
 Longo tempo com susto andou dispersa.

## B A G A L L I O.

Naõ : antes , foi na tarde , em que ajustaste  
 Hum grande cesto d'uvras com Cepalio  
 Sobre salvar de hum pulo a larga tina ,  
 Que no terreiro estava das Orgias ,  
 Chea d'almo licôr toda enramada ,  
 Aqual indo a saltar de hum largo pullo ,  
 Fizeste no ar tão fina cabriola ,  
 Que de chapuz cahiste dentro della :  
 Onde por largo espaço mergulando  
 Afogado te viste em mar vermelho ,  
 Sendo o rizo de todos na floresta.

## L A G A R I N O.

Sempre foste , Bagallio , author d'enredos ;  
 Mas se tens presumpção de experimentarte ,  
 Vimio ferá Juiz , vê o que apostas.

## B A G A L L I O;

O Mundo vai perdido ! quem diria ,  
 Q' aos doces rouxinoes os negros corvos  
 Ouzassem provocar a desafio ?  
 Mas eu farei , vaidozo Lagarino ,  
 Que te arrependas hoje , e que conheças  
 Qual differença vai do junco ao tronco ,  
 Que cingido de vides ramalhudas  
 Sustenta os negros cidreirinhos cachos.  
 Vês de verga miúda de mil cores  
 Por habil mão tecido este cestinho ,  
 Qu' em labores futis de hum lado mostra  
 Sacrilegos gigantes , temerarios  
 Q' ouzados penção cumulando montes  
 Tirar o Throno a Jupiter Sagrado ?  
 Pois este o premio he ; repara como  
 Sobre elles se aremeça o forte Bacco  
 Transformado em leão , e os despedaça  
 Vibrando as curvas lascerantes garras.  
 Olha d'estoutra banda como ouzado  
 Sobre hum carro triumphal , q' Tigres puchaõ  
 Por entre grossos cedros , e palmeiras ,  
 Precedido das Menades raivozas ,  
 Vermelhos Indios vai avassalando.  
 Attenta neste lado , olha este rancho  
 De capripedes fatiros saltantes ,  
 Q' em torno vaõ de hum velho galhofeiro  
 Barrigudo , caprino , orelhi-lungo ,  
 Que monta n'um jumento , a cujos zurreos  
Cer-

Cerrados esquadroens vagaõ dispersos.  
 Olha que premio ganhas , se a fortuna  
 De teu lado estivesse agora infano.  
 Vê tambem o que apostas : logo logo  
 Entremos sem mais fleuma na contenda.

L A G A R I N O .

Muito gabas teu cesto ! Acazo penças  
 Que não ha outra couza ? Pois attento  
 Repara nesta concha , em que pintado  
 Tambem Bacho se vê de era cingido  
 Os cachos espremendo em vazo de ouro.  
 Olha como os Bassarides em roda ,  
 Como as moças Canephoras , saltando  
 Em brindes Bacchanais , tocao as taças.  
 Repara como vaõ loucas vestidas  
 Com seus ramaes de perolas finissimas ,  
 Croadas de era , e parras dando ao vento  
 As compridas madeixas semeadas  
 De pequenos jasmims , de brancas rozas.  
 Olha a chufma de fatiros bicornios ,  
 Que os retorcidos buzios vaõ tocando  
 Em torno deste Altar ; onde enramado  
 Tem para o sacrificio hum negro Bode :  
 Ve mais com que destreza o subtil Mestre  
 Ao longe o mar pintou , onde hum Xaveco  
 De barbaros Piratas se deviza ,  
 Que o grande Bassareu levaõ cativo.  
 Mas olha agora em fim como espantados

Da

Da vista de hum Leão , que os acomete  
 Por cima do convés , vibrando as garras ,  
 Em confuzo torpel ao mar se lançaõ ;  
 Onde em Delphins ceruleõs se transformaõ.  
 Com tanta perfeiçaõ ; couza mais bella  
 Já mais tosco Bagalio terás visto !  
 Não isto não pintaraõ mãos profanas ,  
 De devinos pinceis , foraõ os toques  
 A' foz do nosso Vouga sobre á Area  
 A lançou a maré ; ali achada  
 Foi por Marino , a cujo dei em troca  
 Hum copo de marfim , orlado de ouro.  
 Olha que raridade não alcanças ,  
 Se fores venturoso , avia , vamos  
 Depozita o teu cesto , eis-minha conxa :  
 Seja Vimio Juiz , ou qualquer outro.

B A G A L I O .

Pobre doido , coitado ! Eu te protesto  
 Que logo te arrependas. Vimio toma  
 Os premios da contenda , e nosso canto  
 Escuta agora atento , que a sentença  
 No fim profiriras , igual , e recta.

V I M I O .

Principiai famosos Lagareiros  
 O doce canto alterno , em quanto ferve  
 O cheiroso , balsamico , bagasso ,

Sol-

Soltai as brandas vozes , que deleitaõ  
 O Devino Eleleõ , que as tortas cepas  
 Este anno carregou de ferteis gomos.  
 Principia primeiro Lagarino ,  
 Tu Bagalio , depois • hirás seguindo.

L A G A R I N O .

Evoé Bassareu , alegre escuta  
 Os brandos versos meos , q' os teus louvores  
 No mundo espalharei ; meu canto inspira ,  
 Para que o vil Bagalio hoje conheça ,  
 Qu' eu só posso cantar os teus misterios ;

B A G A L I O .

Saboé , Niçtileu , tu que fustigas  
 Co' verde Tirso , os remendados Tigres ,  
 Que puxaõ em galoens teu carro , atende  
 Os versos , que te dou ; em quanto faço  
 Raivar de inveja o rude Lagarino.

L A G A R I N O .

Ah suspende , Bagalio , não profigas  
 No descomposto som ; porque espantados  
 De taõ desconcertada gritaria  
 Os mais rusticos fatiros caprinos ,  
 Pondo as mãos nos ouvidos , pelas covas  
 Em confuzo tropel se vaõ metendo.

B A



## B A G A L I O.

Oh quanto melhor he ouvir no Inverno  
 Mil verdes roucas rans palrar n'um xarco,  
 Que ouvir de Lagarino o canto agreste!  
 Ah! calate, infensato, antes que em terra  
 Com teus rispídos eccos cahir faças  
 Este triste lagar, que tanto affustas.

## L A G A R I N O.

Alcino, a quem as Tagides formozas  
 De verdejante alga a fronte cingem,  
 Meus versos ama, e preza. Vós famosos  
 Destros vindimadores do contorno,  
 Hum verde altar, lhe erguei, honrai feu nome.

## B A G A L I O.

Porém a mim Belmiro; a quem as Muzas  
 De Corinthio metal, levantaõ bustos,  
 E o roxo Bassareu, a Taça liba,  
 Gosta de ouvir meu canto. Vós Bassarides  
 A fronte lhe cingi de louro, e parras.

## L A G A R I N O.

Quem préza o canto teu, melico Alcino,  
 Carregar veja, de fechados cachos  
 As tortas cepas suas, no almo Outono  
 Lhe trasbordem de vinho as largas tinas. BA

## B A G A L I O.

Quem não honra , Belmiro , a tua Lira ,  
 Em negra gralha convertido seja :  
 As suas vinhas de pulgaõ se cubraõ ,  
 Roidas sejaõ de malditos capros.

## L A G A R I N O.

O' bis-nascido Deos , que abrolhar fazes  
 As grossas vides , onde a vista lanças :  
 Alegre em meu basselo põem os olhos ,  
 Que entaõ sempre terei fertil colheita.

## B A G A L I O.

O' famoso inventor do doce Bromio ,  
 Que enfindaste aos homanos a vendima ,  
 Derrama em meu lagar o licor sacro  
 Da taça , que sustens na dextra ufano.

## L A G A R I N O.

Quam doce não he ver , por este tempo  
 Estar fervendo o mosto nos lagares ,  
 Levantando o fumifero bagaço ,  
 E ter de roxo fumo as pernas tintas !

## B A G R I O.

Quanto nesta estação ouvir me alegra  
 Chiar dos carros as ferradas rodas  
 C'ò pezo da vendima, quanto gosto  
 De ver calibrar diffrentes vinhos!

## L A G A R I N O.

Loura Ceres, levanta a curva fouce  
 Faze fugir os pardos gafanhotos  
 E os daninhos patdaís, que debulhando  
 Nas fearas me vão o louro trigo,  
 A abundancia derrama em minhas leiras:  
 Augmenta-me a colheita, que eu prometo  
 De douradas espigas, e papoulas  
 Cingir teu rico altar nas Cereaes festas.

## B A G A L I O.

Frugal Pomona, livra os meus Pomares  
 Dos passaros iniquos, afugenta  
 As bespas, e as abelhas, que fucando  
 As uvas moscateis, me vão nas vides:  
 Os frutos que me das, Deuza defende,  
 Proteje as minhas arvores, que eu juro  
 Formar-te huma capela guarnecida  
 De ginjas garrafas, peras, e rozas.

## L A G A R I N O.

Vem Viminia gentil , e a vós foltando  
 Suspende com teu canto o claro vouga  
 Corre , ó Ninpha formosa , que dezejo  
 Ver circundarte a chufma das Napeas ,  
 Suspenfas dos acentos , que fupremdem  
 Difperfos pelo ár fevos dezejos.

## B A G A L I O.

Ah! Parralia travessa , onde te escondes ;  
 Que a terreiro não fahes pulando airoza !  
 Vem ó Ninpha gentil no rofto bello  
 Deixa embora cevar olhos famintos.

## L A G A R I N O.

Aferrolhem embora o metal louro  
 Avarentos Hidropicos , que eu vivo  
 Com pouco cabedal , ao lado tendo  
 Minha amada Viminia ; fou ditozo.

## B A G A L I O.

Entre Mares revezos fuftos fofra  
 O Mercador avaro , que eu não temo  
 Na minha pobre choça com Parralia ,  
 Sentado ao pé do lar , Tufoens do Inverno.

## L A G A R I N O.

Prezumido Bagalio , já dezisto  
Do premio , da contenda , se dices  
De quem a théa era , que o famoso  
Bassareu transformou em lentas vides !

## B A G A L I O.

Dize-me Lagarino , e já te cedo  
O louro da victoria , quem primeiro  
Com a Taça na mão , cingido de era  
A Bacco decretou honras divinas.

## L A G A R I N O.

De quente mosto , em honra tua empino  
Evoc Nictileu ; oh ! como he bello !  
Que Nectar ! Que Ambrozia ! outra vez encho ;  
E de Alcino em louvor hum brinde faço  
Alcino das Cytherides delicias ,  
Que leva atrás da Líra arrebatados  
Incensiveis penhascos , duros troncos.

## B A G A L I O.

Tambem em teu louvor , Brifseo divino ;  
Encho , e bebo esta taça. Oh ! Que suave  
Balsamico licor ? Evôé repito . . .  
Sacro Padre Leneo , renovo a taça.

Hum

Hum brinde outra vez faço ; agora empino  
 Em honra de Belmiro . . . . mas que fogo !  
 As orelhas me aquece , e abraza as faces !  
 Qu' impulso sinto em mim ! que furor santo  
 Sobre as nuvens me sobe ! onde me elevo !  
 Mas que brilhante scêna se me offresse !  
 Por entre a densa nevoa do futuro  
 A hum fertil vasto monte subir vejo  
 Sobre as azas dos ventos de mãos dadas  
 Hum rancho de Pastores , a quem cingem  
 Nove Ninfas gentis de louro as fronte.  
 E que mulher será também aquella  
 Vestida de armas brancas , que sustenta  
 Sette montes ufana na cabeça ?  
 Que exulta de prazer , em quanto sobem  
 Aquelles sabios Vates , que escarnecem  
 Hum velho , que batendo as longas azas  
 Vai correndo tras delles ; mas que irado ,  
 Por ver que se lhe fojem , nos joelhos  
 Parte huma curva fouce ? Eis pela Terra  
 Vejo rojar também dois feios Monstros  
 Toucados de Serpentes ; hum remorde  
 Tres serpes , que na mão tras enroscadas.  
 Outro em polga hum punhal em sangue tinto  
 Mas quem esta será , que os ares fende ,  
 Olhos toda , tocando huma aurea Tuba ?  
 Huns nomes repetindo , a cujas vozes  
 Mil Ninphas alevantaõ sobre as aguas  
 Do aurifero Tejo , os brancos collos ?  
 Porém que luz celeste me circunda !

Que

Que Devino mancebo ago a vejo ,  
 Sentado em rico folio de safiras !  
 Em seus braços alegre recebendo  
 A sabia companhia , e q̄ = *Vinio* suspende ?  
 Onde voas Bagalio , inneciado  
 De taõ altos misterios ! Ah ! detem-te ,  
 Não profigas no canto , que os profanos  
 São indignos de ouvir couzas taõ grandes ;  
 Toma a conxa , gentil Bagalio , toma  
 Justo premio de teu immortal canto ,  
 Que ferá respeitado em nossos campos ,  
 Em quanto houver no mundo Lagareiros ,  
 E Baco carregar de uvas as vides .

*Francelio Vouguence.*



## A AMIZADE

## ODE.

**E**mbora corte os alterosos Mares  
 Possante armada, que amedrenta os Eurros,  
 Que sobre o campo de entufada espuma  
 As Cidades aterra.

Embora as negras bocas vomitando  
 Subitas chamas, em negrume horrendo  
 O Ceo occulte, o alarido abforva  
 Dos mizeros soldados.

Em quanto o General ardendo em ira  
 Terrifico bradando ao som da morte,  
 Valor inspira nos expostos peitos  
 Dos tristes, que peleijaõ.

A Guerra insana dardejando globos  
 Em ferreo carro sobre os ares cruza  
 E os ignivomos grifos açoutando  
 Afusta o mundo inteiro.



Leva pendente do cruento braço  
Negras balanças em que as vida peza,  
E fobre a dextra carrancuda arvóra  
Aficalado gume.

Dos mizeros mortaes a forte infaufta  
Vaga no turbilhaõ d'acerbos malles  
Aqui, e alli despede a horrenda fouce  
Os fios devaftando.

Todos curvados fluctuando giraõ,  
Trazendo aos hombros a cruel desgraça;  
Fufca illuzaõ dezenrollando as azas  
Lhes tapa os frouxos olhos.

Por altos cerros tropeçando rólaõ  
Sem que esmoreçaõ no fatal conflicto,  
Só vendo o abyfmo a recebello pronto  
Pálidos estremecem.

Sancta Amizade, tu me acolhe affavel;  
Junto a teu lado vivirei contente,  
Rafgando a venda, com que a vifta illudem  
Os vicios, e as torpezas.

*Leocacio Melpomineo.*

CANÇONETA  
DITIRAMBICA.

**A** Gora que o carrancudo  
Inverno as aguas congela,  
E o corpo o frio enregela;  
Vamos as mãos aqueantar,  
O fogo lança Marilia,  
A's vides, que fui podar.

Das rebordans aloiradas,  
Q' hoje apanhei na deveza,  
Pois temos fogueira aceza,  
Faze um magusto no lár;  
Que do Moscatel cheirozo  
Já fui da Cuba tirar.

Enche esse pucaro, e bebe,  
Então, que tal he o gosto?  
Tornou-te vermelho o rosto?  
Já te não vejo tritar.  
Repara bem não te faça  
A'roda a cabeça andar.

Torna a encher , bota dentro  
 Essas castanhas assadas ,  
 Q' eu tenho alli descascadas.  
 Naõ vez o licor chiar ?  
 Lá vai : que fabor divino !  
 Que doce fica o padar !

Ah ! Que este balfamo pode  
 Tornar loucaõs , e corados  
 Curvos velhos engilhados :  
 Este fim que pode dar  
 Aos hirtos de frio vida ,  
 E o fangue às veias tornar.

Mas que ouço ! Zunem os ventos  
 Em opostos furacoens !  
 Rebombaõ roucos trovoens  
 Arrebentando no ar !  
 Por entre as quebradas telhas  
 O Raio vejo serpear !

Temerosas dos estrondos ,  
 Assustadas das Sentelhas ,  
 As nossas prenhes Ovelhas  
 Veremos hoje abortar :  
 E toda a fruta cahir  
 Do nosso pobre pomar.

**Porém** embora desfeche  
 Contra mim a vil **Desgraça** ;  
 Q' a balla mortal embaça  
 No meu peito sem varar :  
 Pois quando bebo , não temo  
**Terra , Vento , Fogo , e Mar.**

**Que** sabor ! Porém que he isto ?  
 Vejo como por peneira !  
 Terei nos olhos poeira ?  
 Co' a mão os quero esfregar.  
 Mas peor mais do que o corpo  
 Sinto a cabeça pezar.

**Ah !** Que se outra vez **Elmano**  
 Eu vir com **Belmiro** em guerra  
 Sobre andar o **Sol , ou Terra** ;  
 Eu protesto sustentar ,  
 Q' anda a terra , porque a vejo  
 A' roda comigo andar.

Se eu agora fosse **Rei**  
 Que de coizas não faria ;  
 Huma torre mandaria  
 Neste sitio edificar ,  
 Taõ alta que em a subir  
 Hum anno havia gastar.

Faria huma grande adegã ;  
 De comprido com dez milhas,  
 Seriaõ de outro as vazilhas,  
 De ouro feria o lagar,  
 Teria arados de prata  
 Para os meus campos lavrar.

Faria em honra de Baco  
 Erguer hum Templo rotundo,  
 Que assombro fosse do mundo;  
 Onde a gente além do mar  
 As alegres Antisterias  
 Vieße alli celebrar.

Faria . . . . porém que digo ?  
 Hora estou bem carregado :  
 Este vinho endiabrado  
 Fez-me a cabeça esquentar  
 E com fantasticas ditas  
 Mesmo acordado sonhar.

Tú cambaleias , Marilia ,  
 Tambem estás embriagada ?  
 Bebeste de mais , coitada ,  
 Fez-te o juizo voltar ?  
 Durma-mos pois que do frio  
 Soubemos hoje triunfar.

*Francelio Vouguense.*

## CANÇONETA \*

**N**° Hum fresca manhã bella,  
 Qu° Aurora o campo aljofrava  
 Da choça minha eu fahia ;  
 E o manso gado levava  
 A pascer na relva fria.

Doces Cançoens numerosas  
 Hia traçando na idéa  
 Contra Amor , e seus enganos ,  
 Para cantarem na Aldea  
 Comigo os outros Serranos.

Eis-que d'hum bosque de murtas  
 D° Armania á choça vezinho  
 Vejo fahir pressurozo  
 Hum travesso rapazinho ;  
 Mas de gesto magestozo.

Rou-

---

\* Premiada pela Academia Real das Sciencias na Sessão de 12 de Maio de 1791.

Rouxa venda a luz dos olhos  
 Com tres voltas lhe roubava ;  
 Nas mãos hum arco trazia ;  
 E ao lado em formoza aljava  
 Cruéis farpas embebia.

„ Tenro menino , lhe brado ;  
 ( De velo com dó infindo )  
 „ Deste frio não tens medo ?  
 „ Guarde-te o Ceo , como hes lindo !  
 „ Quem hes ? onde vas tão cedo ?

„ Quem sou , bem sei que não sabes  
 „ Sim , que se acazo o foubesses  
 ( Me responde enfurecido )  
 „ Pode ser que não tivesses  
 „ De mim tanto escarnecido.

„ Pois sabe , que eu sou aquelle  
 „ Que tira , e dá liberdades :  
 „ Todos em meos ferros gemem ,  
 „ Uno , e defuno as vontades ,  
 „ E os mesmos Numes me temem.

„ Agora , onde vou , espera  
 „ Vello-ás ,, nisto acestando  
 Aureo passador fulgente  
 Vem para mim caminhando  
 Com torva sombria frente.

„ Rapaz travesso , lhe digo ,  
 „ Onde vens ? o que proferes ?  
 „ Quem sou conheces mui pouco ;  
 „ Ora vai-te , senão queres ,  
 „ Que te mostre o quanto és louco .

Mas pé atrás nisto pondo ,  
 Faz-me ao peito pontaria ,  
 Despede o virote ervado ;  
 Em cuja farpa trazia  
 D' Armania o nome gravado .

Meu coração atravessa :  
 Salta a borbotoens o fangue :  
 D' amor o poder conheço ,  
 E a seus pés , já quazi exangue ,  
 Humilde socorro peço .

Mas de meus rogos zombando  
 „ Onde estão teus ameaços  
 ( Me diz com vóz mofadora )  
 „ Feri-te , não tens dous braços  
 „ Chega a mim , vingate agora .

Só com truncados soluços  
 Lhe respondô , e o Deus tirano  
 Lançando-me atrozés ferros  
 Profegue : „ ouve audaz humano  
 „ A sentença de teus erros .

„ Ama-



„ Amarás , envolto em magoas ;  
 „ Armania , por teu castigo ,  
 „ E nesta paixão penoza  
 „ Já mais a-verás com tigo  
 „ Sequer hum hora piedoza.

„ De teus rivaes adulada  
 „ Geral desprezo affectando ;  
 „ Zombará dos teus queixumes ,  
 „ Expondo teu peito brando  
 „ As mãos de crueis Ciumes.

„ Quer vendo-a , quer della auzente  
 „ Não dará fim teu tormento ,  
 „ Que te instará sem piedade ;  
 „ A' vista , o zello cruento ,  
 „ Auzente , a cruel saudade.

Disse , e quando vou pedir-lhe  
 Lenetivo a meus pezares ,  
 As leves azas soltando  
 Me foge veloz ; nos ares  
 Brillhante rasto deixando.

A fascinante desgraça  
 Vem a pes do meu tormento :  
 Meu grado trigo emmurchece ;  
 Nem curo do pobre armento ,  
 Que á mingoa todo engaféce.

Deſta forte amando fico  
Armania, entre magoa immenſa,  
A qual caprixa inhumana  
De fer da cruel ſentença  
Executora tyrana.

Por

B. M. C. S. T. d. S:

entre os Arcades

*Belmiro Tranſtagano.*



CANÇONETA.

Vendo o perverso vendado  
Que os Mortaes o conheciaõ,  
E que seus ferros cruentos  
Já pouco estrago faziaõ.

N'um frondente alegre Bosque  
Deixando os farpoens ervados  
Converte em louras Abelhas  
Os lindos crueis vendados.

No touco d'um freixo antigo,  
Que a fronte no Téjo espelha,  
Aloja o formozo enxame,  
Tambem mudado em abelha.

Já com sonoro fuçurro,  
Sobre os vergeis, sobre as flores  
Fazem mil tremulas voltas  
Os pequeninos Amores.

Já louro mel se fabrica,  
Agro ao peito, doce aos labios,  
E dentro se lhe misturaõ  
Mil encantos, mil amavios.

Já por todo o Bosque as plantas ;  
 Da nova chusma picadas ,  
 Tacitas queixas difundem ,  
 Humas d'outras namoradas.

Já tudo a Amor vota insensos ,  
 Já tudo em amor se inflamma ,  
 Só Laura inda vive izenta ,  
 Só Belmiro inda não ama.

Mas como no mundo o Fado  
 Perpetua paz não consente ;  
 Quiz que seus peitos flexiveis  
 Suspirassem mutuamente.

Hum dia , que descuidado ,  
 Belmiro apanhava flores ,  
 Foi subtilmente ferido  
 Por hum dos crueis Amores.

D'improvizo occulta força ,  
 Seus ligeiros passos guia ,  
 Onde Laura , a doce Laura ,  
 Verde grinalda tecia.

Hum molho de rouxos lirios  
 Offerta a Ninfa mimóza ,  
 Que sobre o lindo regaço  
 O faz cahir desdenhoza.

Mas hum Amor q' escondido  
 Hia no ramo virente,  
 Voou, zumbio, e no peito  
 Lhe imprime o ferraõ pungente.

Eis qu' os negros vivos olhos  
 Emprega Laura em Belmiro,  
 E arranca por elle ancioza  
 D' alma hum ardente suspiro.

Dize tu frondente Olmeiro,  
 Dize os votos duplicados,  
 Que os dois amantes fizeraõ  
 Dos ramos teus abrigados.

Repete os ais, que lhe ouviste,  
 E os transportes de ternura  
 Daquellas almas sensiveis,  
 Dignas de melhor ventura.

Já potente occulto laço  
 Seus dois coraçõens prendia,  
 Laura a Belmiro adorava,  
 Por Laura Belmiro ardia.

N'uma fresca madrugada,  
 Em qu' ao Bosque ambos fairaõ,  
 D' amor o formozo enxame  
 Entre huns ramos descobriraõ.

Seus doloços favos doces  
Incautos ambos crestarão,  
E o louro mel saborozo  
Immenfas vezes libarão.

D'improvizo a maõ do Fado  
Nubla seus rizonhos dias,  
E chovem sobre seus peitos  
Sustos, magoas, agonias.

Ah! Fugi tristes humanos,  
Fugi do cruel vendado;  
Que seu mel, seus favos doces,  
Tem veneno refinado.

*Belmiro Transtão:*



O F A U N O

I D I L I O.

I.

**H**Uma Naiade bella desdenhoza,  
As atreas tranças penteava hum dia,  
Na margem d'uma fonte deleitoza.

II.

A sombra que dos Alamos cahia,  
O sopro d'um Favonio lizongeiro,  
Do intenso ardor seus membros deffendia.

III.

Occulto a vigiava d'hum vimeiro,  
Fauno, campestre Nume, suspirando  
De seus brilhantes olhos prezoneiro.

IV.

Com viçozos jasmins de quando em quando  
Lhe a tirava, que n'agoa transparente,  
Hiaõ tremulos circulos formando.

V.

A Naiade mimoza erguia a frente,  
E a huma, e outra parte de assustada  
Volvia os garços olhos deligente.

VI.

Solta Fauno de gofio huma rizada,  
E d'hum palo se esconde a Ninfa bella  
No liquido cristal sobrefaltada:

VII.

O Fauno salta em seguimento della  
Deitando-lhe subtis seguros laços,  
Porém não poude conseguir prendella.

VIII.

Depois ora nas agoas mete os braços,  
Ora com meiga vóz a dezafia,  
Ora fica escutando alguns espaços:

IX.

Mas vendo que assim nada conseguia,  
Torna a esconder-se n'um vergel frondoço,  
Por ver se a Nimpha sem temor sahia.

X.

Dali fitando a orelha cuidadozo  
D'agua os olhos não tira, e pranto exala  
Contra o motim das aves, de raivozo.

XI.

Mal respira temendo amedrentala:  
Thé qu' impaciente de tão longa espera;  
Descendo á fonte, desta forte falla.



XII.

Nimpha cruel , tão linda como fera ,  
Surge d'agua outra vez por hum momento,  
Com teu semblante meu pezar modera :

XIII.

Ah se te escondes por me dar tormento  
Afaga-me , depois torna-te esquiva ,  
Que assim me farás damno mais violento.

XIV.

Contra mim te aconselho , que he tão viva  
Minha paixão , que em troco de lograr-te  
Sofrer não temo pena mais activa.

XV.

Acazo he culpa , dize , idolatrar-te ?  
Se maltratas quem faz por ti finezas ,  
Que farás Nimpha a quem quizer matar-te ?

XVI.

Naõ sei porque motivo me desprezas :  
Por ti peno , por ti me inundo em pranto :  
Julgo ser gosto de fazer cruezas.

XVII.

Naõ sou tão feio , que te cauze espanto ;  
He meu corpo membrudo , he vigorozo ,  
Danço a compaço , com doçura canto :

XVIII.

D'olhos pequenos sou , d'olhar fogoço ;  
D'hirros anneis o meu cabello he cheio ,  
Sou cornifronte , bem talhado , airozo ;

XIX:

Mas se inda me desprezas por ser feio ,  
Vê que a filha gentil da espuma fria  
Do Deos mais torpe a ser espoza veio.

XX.

O Ceo não deixa impune a tirania ,  
Anaxarete em pedra não mudara  
Se ás magoas d' Isis atendesse hum dia.

XXI.

Quem me dera que o mesmo o Ceo uzara  
Comtigo,oh Nimpha;;porq'entaó meu pranto,  
Como as pedras abranda , te abrandara.

XXII.

Se na Libia nasceste , não me espanto ,  
Que folgues de cauzar crueis pezares ,  
Mas se não , como podes fazer tanto ?

XXIII.

O que perdes prevê , se malogares  
Hum amor tão fiel , tão verdadeiro ,  
E o que lucras também , se me adorares!

XXIV.

N'hum das fragas daquelle amplo outeiro  
Se entranha a gruta minha coroada  
De fresca murta , flórido azareiro.

XXV.

Ali sobre meus braços reclínada ,  
Se terna ouvisses os meus ais vehementes ,  
Podéras Nimpha ter feliz morada.

XXVI.

As Parreiras c'os Alamos frondentes  
Lhe tecem fresco pavilhaõ viçozo ,  
Que a livra das crueis calmas ardentes.

XXVII.

De verde Acanto , de Alecrim cheirozo  
Se alastra o chaõ ; à porta vive atado  
Hum Zefiro , que adeja pressurozo.

XXVIII.

D'alta roxa hum ribeiro despenhado  
Manfo lago lhe vem formar diante ,  
De vimes , e de canas sombreado.

XXIX.

No ramo o terno rouxinol velante  
Com grogeos subtíz dali s' escuta  
A pena divertindo à triste amante.

XXX.

De caça, e peixe abunda a minha gruta,  
E em molle colmo n'hum recanto interno  
Guardo encamada faboroza fruta.

XXXI.

Ruge-me prezo contra o frio inverno,  
Que as carnes corta, os membros enregela,  
Em rica talha, salutar Falerno.

XXXII.

Naõ, no mundo naõ vez outra mais bella!  
Muitos amigos meus ma tem gabado,  
Deu-ma Silvano, e Pan bebeu por ella.

XXXIII.

Bromio rizonho alli se vê gravado  
Junto de larga, corpulenta Dorna  
Libando hum côpo de cristal dourado.

XXXIV.

Nimpha loucãa, que d'era a fronte exorna,  
Quer furtar-lho, e parece que às rizadas  
Por cima o vinho, com puxoens, lhe entorna:

XXXV.

Ve-se tambem nas ondas azuladas,  
Cypria, regendo em concha de mil cores,  
De rozas manfas Pombas arrecadas:

XXXVI.

Verdes Tritoeus às costas c'os Amores ,  
De roda as leves caudas meneando ,  
A' Deoza os olhos pisção brincadores.

XXXVII.

Ve-se o cazo de Daphne miserando  
( Menos dura que tu ) e doutra parte  
Mil scenas d' Amor fero , e d' Amor brando.

XXXVIII.

Tudo teu he , não tenho mais que dar-te ,  
Que o mesmo terno coração , que tinha ,  
Perdi no instante , que cheguei a olharte.

XXXIX.

Naõ te apanho , segura a mim caminha ,  
Vem ver se pulsa , a mão põe no meu peito  
Verás , qu' isto não he fabula minha.

XL.

Naõ sei naõ , que mais faça a teu respeito ,  
Só se queres que às mãos de mal vehemente  
Acabe a vida em lagrimas desfeito.

XLI.

Se isto he teu gosto , morrerei contente :  
Mas vê , que de teu genio hum padraõ deixas ,  
Qu' hade infamar teu nome eternamente.

## XLII.

Nada, nada te abrandão minhas queixas:  
 Ah qu' ou deves estar petrificada,  
 Ou a feus echos teus ouvidos feixas.

## XLIII.

E's mais corada, que a romã corada;  
 Mais alva, que o jasmim; tens mais belleza,  
 Que a rouxa Aurora na manhã dourada.

## XLIV.

Mas que Tigre ha tambem com tal fereza;  
 Que se iguale contigo, ou rocha dura,  
 Que tenha, como tens, tanta dureza.

## XLV.

Affim clamava cheio de ternura  
 O triste Fauno, a vóz antropolando;  
 Com lugubres gemidos de amargura:

## XLVI.

A fonte hum pouco esteve contemplando  
 Com gestos mil, depois n'agoa infofrido  
 Mete de novo os braços titubando.

## XLVII.

Mas vendo o fructo de feus ais perdido,  
 Convertendo em furor suas finezas,  
 Clama outra vez, desta arte embravecido.

## XLVIII.

Sobre ti chovaõ (já que assim desprezas,  
 Ingrata Nimpha, meus fieis amores )  
 Negras desgraças, languidas tristezas.

## XLVIX.

Nas margens tuas não rebentem flores ;  
 Turbem-te as agoas serpes venenozas ;  
 Livrem de ti feos gados os Pastores.

## L.

Naõ cantem neste sitio aves faudozas ;  
 E amorte enrede, por maior castigo,  
 Com quem te cauze mil paixoens zelozas.

## LI.

De todos horror sejas... mas que digo ?  
 Eu mesmo que te amei, taõ terno, e brando,  
 Já me desprezo de fallar contigo.

Disse, e bramindo os pés aligeirando,  
 Se embrenha por asperrimos abrolhos,  
 As lagrimas raivozas alimpando,  
 Que lhe ferviaõ nos irados olhos.

*Belmir. Transtag.*

AO ILLUSTRÍSSIMO, E EXCELLENTÍSSIMO  
 SENHOR  
 JOZÉ DE VASCONCELLOS  
 E SOUZA.

O JARDIM.

A Fresca sombra d'hum ferrado bosque ;  
 Onde por alvas pedras murmurando  
 Hum tremulo Ribeiro se escutava ;  
 Saudozo de Anacrina as louras tranças,  
 Ao som da grata lyra descantava.  
 Quando sobre hum velóz doirado carro,  
 Que seis Aguias tiravaõ pelos ares,  
 A Deusa dos Jardins se apresentava  
 A meus cançados lacrimosos olhos ;  
 Candidas flores, pudibundas rozas,  
 Adornavaõ-lhe em torno a nivea fronte,  
 De Goivos, e Jasmins festoens compridos,  
 Os fulgidos cabellos lhe enastavaõ ;  
 Batendo as redeas às pompozas Aguias,  
 Entrava pelo bosque florecente,  
 E descendo ligeira do aureo carro  
 Desta sorte risonha me fallava.



Cançado vate do bicornio Pindo  
 „ Que a pár do Cintio Nume sonorofo ,  
 „ Na juvenil idade tens bebido  
 „ Da clara linfa do Helicon sagrado ;  
 „ Tu que afinando a Cithara dourada  
 „ Do Illustre Vasconcellos tens cantado  
 „ Acçoens famosas , com eburneo plectro ,  
 „ E dezejas rasgando os leves ares ,  
 „ No Sacro Templo da Immortal memoria  
 „ Entre os Heroes gravar seu Nome Illustre ;  
 „ Não confintas , ò Vate , não confintas ,  
 „ Que ás letargicas ondas sonolentas  
 „ Entregue fique deste Heróe preclaro  
 „ A doce habitação , que me dedica.  
 „ A ver estes floridos novos prados  
 „ Comigo agora deligente parte ;  
 „ Onde mostrando-te os diversos planos  
 „ As sublimes figuras , as Cascatas  
 „ Por cem partes a terra borrifando ,  
 „ E imagens verdadeiras concebendo ,  
 „ A decantar comeces o que imploro ,

Acabou de fallar. Tomando as redeias  
 Me conduzia com semblante ledo  
 A seu carro veloz , qu' alegre subo ;  
 C'ò longo açoute nas formozas Aguias  
 Dando hum sonoro estaio ressoante ,  
 Aligera partio abrindo os ares :  
 De zefiros lascivos mil falanges  
 Em torno d'alva Deoza revoando

Das brancas plumas sobre o aureo carro  
Lançavaõ ledos desfolhadas rozas.

Da grande Elizía sobre os duros hombros,  
Num sitio ameno d' arvores bordado  
Sumptuozo Palacio se alça as Nuvens,  
De famoza extructura fabricado;  
Onde o Calheta Illustre, em paz serena  
Sobre longas varandas, frescas tardes  
Do calmozo veraõ contente gasta,  
Ao lado junto da conforte amavel,  
Cujas virtudes no estelante Olimpo  
Sentillaõ entre as lucidas Estrellas.

Aqui soberbas as pompozas Aguias  
Tocavaõ levemente a terra dura;  
Quando a Deoza descendo do aureo carro,  
De hum famozo Jardim a porta entrava.  
Já de vivo dezejo afervorado,  
Por espaçoza escada a vou seguindo.  
Eis-que subito vejo hum largo plano  
De tortas eras guarnecido em torno;  
Alva donzela de prazer tingida,  
Douradas horas consumia em jogos.  
Ao lado opposto n'uma funda gruta  
Sonora fonte murmurar se ouvia.  
Sobre pilastres de hum, e d'outro lado,  
Diferentes figuras se mostravaõ.  
Venus formosa de huma parte estava,  
Qual o mancebo Paris ledo a vira,  
Quan-

Quando na Idalia selva o Pomo d'ouro  
 A Sentença lançando-lhe entregava.  
 O potente Neptuno ali se via  
 C'ó asperrimo Tridente repremindo  
 Os ceruleos Cavallos espumantes.  
 D' outro lado Plutaõ soberbo estava  
 Sobre o ferreo Bidente reclinado ,  
 E a seus pés o latrante Caõ trifauce.  
 Pouco distante Juno se avistava  
 Olhando com inveja o aureo Pomo ,  
 Que a linda Venus entre as mãos sustinha;  
 Porém daqui voltando a Deoza os passos  
 Larga escada subia. Eis outro plano  
 Habitação dos ledos Passarinhos ,  
 Que sonoras endexas mudulando  
 Tornar fazião aos meus olhos tristes  
 Da candida aiegria a imagem bella ;  
 Além soberbo portico mostrava  
 Espaçoza , aplainada , longa rua ;  
 Sombrios Freixos , Alamos copados  
 Hum e outro lado ornavaõ florecentes.  
 Ao longo huma cascata se avistava  
 A' dura terra em borbotoens lançando  
 Serenas aguas do escarpado seio.  
 Aguia soberba de Paiz estranho  
 As brancas azas sobre o cume abrindo  
 Do denso bosque a sombra procurava.  
 Ficava ao lado esquerdo alto mirante.  
 De figuras diversas adornado ,  
 Donde espalhando-se a cançada vista

A grande Elizia em torno se descobre ;  
 Ao dextro a Deoza toma. Eis larga escada,  
 Frondozo novo plano patenteia.  
 Vistozos arcos de engraçadas flores ;  
 E as estaçoens do tempo ali se viaõ  
 De marmore soberbo figuradas.  
 Huma caza de campo além estava ,  
 De porfidos brilhantes , de aureo teto ,  
 E diamantinas portas : mais distante ,  
 Onde hum placido tanque debuxava  
 No seio ondozo as debruçadas penhas ,  
 O copado arvoredos , as nuvens denças ,  
 Pelas paredes retratadas via  
 As ceruleas Campinas de Amphitrite ;  
 Onde sentada sobre huma alva concha ,  
 De candidos Amores rodiada ,  
 Dione linda os olhos seus volvendo  
 Serena os mares , e adormece os ventos.  
 Naõ longe sobre hum carro fulgurante ,  
 Das alvas filhas de Nereo cercado ,  
 Curvando as crespas ondas , Doris bella  
 Dois soberbos Delfins tirando vinhaõ.  
 D'outto lado se via reclinada  
 Europa aflita sobre o branco Touro ,  
 De Fenicias grinaldas coroados.  
 Mais ao longe co' a Fox do Tejo ameno ,  
 Intestavaõ os bravos Oceanos :  
 Sobre hum nivio montão de crespas ondas  
 Sentado ali se via o Patrio Rio  
 Co' as Tagedes formosas abraçado :

Humas as longas cans lhe pentiavaõ,  
 Outras lhe adornaõ a limoza fronte,  
 De luzentes capellas. Sobre as margens  
 No feio de huma gruta devizava  
 As louras filhas do Supremo Jove  
 Tocando eburneas Lyras sonoras;  
 Aquellas, que nas margens da Castalia,  
 A' fresca sombra dos frondozos louros,  
 Eternos fazem os Heroes preclaros:  
 No roto feio de hum penedo alçado,  
 Tocando a doce frauta altiffonante,  
 O Semicàpro Pan ali se via  
 Gostando transformada ver em cana  
 A falsa Ninfa, que adorava grato.

Aqui chegava: quando a gentil Deoza  
 Alçando a doce vóz assim fallava.

,, Eis a suave habitação gostosa,  
 ,, Onde tecendo mil Grinaldas bellas  
 ,, Serenos dias com prazer consumo.  
 ,, Além hum Throno de Jasmins, e rozas  
 ,, Me erigiraõ as Ninfas destes prados.  
 ,, Se errante pelos campos, sem azilo  
 ,, Ha longos annos vivo desprezada,  
 ,, Lançando os olhos por campinas longas,  
 ,, Assaltada de Eolo, Boreas, Notto;  
 ,, Agora em paz serena alegre vejo  
 ,, A meu Imperio as estaçoens fugeitas.  
 ,, Estes climas, que ves tão doceamente

,, Ref.

„ Respirando suaves alegrias ,  
 „ Por elles tem deixado a Cypria Deoza  
 „ Chithera , Gnido , Paphos , e outras Ilhas  
 „ Consagradas a sua formozura :  
 „ E por elles deixara o Cyntio Nume ,  
 „ Se os rubidos Ethontes açoutando  
 „ Não levasse , e trouxesse ao mundo os dias ,  
 „ O mesmo ingente bipartido monte.  
 „ Quando passiea o nosso Heroe preclaro  
 „ Estes floridos graciosos prados  
 „ Lançando a vista sobre abertos livros ,  
 „ Que fizudo entre as mãos sustem parando ,  
 „ Das mais viçozas verdejantes eras  
 „ Premio das doutas fronteas , reverente  
 „ C'uma verde coroa lhe circundo  
 „ A sempre grata magestoza frente.  
 „ Veraõ meus olhos inda vir hum dia  
 „ De imensos soes brilhantes coroados  
 „ Trazendo ao luzo Povo a alta noticia ,  
 „ Que ávido à tanto não debalde espera ;  
 „ Elizia venturoza em paz veremos  
 „ Sabio Ministro , liberal , e justo ,  
 „ Da mão Augusta reeebendo as ordens ;  
 „ E ao publico socego as Leis ditando ;  
 „ Horridos Monstros , em catervas feias ,  
 „ Veremos d'entre nós fugindo irozos  
 „ Bramidos dando em pelagos cahirem ,  
 „ Onde jámais o triste pranto enchugem.  
 „ Tu que tens visto , e tu que alegre cantas  
 „ As acçoens deste Heroe esclarecido

5; Agora he tempo , afina agrata Lira!  
 ,, Soem por toda a parte os seus louvores ;  
 ,, Em quanto d'alvas Ninfas rodiada ,  
 ,, Pelos nudozos troncos dos loureiros  
 ,, Em mil sublimes versos entalhado ,  
 ,, De Vasconcellos deixo o nome illustre;

Mais não disse : os angelicos acentos  
 Sobre as pennas dos Zefiros levados  
 Ficaráo longo tempo ressoando ;  
 Dali sahindo , a meus saudozos olhos  
 A patria terra pareceo estranha ;  
 Na fervida memoria recordando  
 Quanto a Deoza gentil permeditara  
 O claro dia que raiar não tarda  
 Dos gratos Luzos suspirado à tanto  
 Fiquei ledo esperando : então vaidozo  
 Tentiando da Lira as aureas cordas  
 Do Sabio , do Famozo Vasconcellos ,  
 Alegre cantatei o Nome Illustre  
 O largo mundo atenderá meu canto ,  
 E de louros cingida minha fronte  
 Levantarei acima das Estrelas.



## T E M P E S T A D E .

**O** Torvo Inverno sobte pardas nuvens  
 Caminha à fós do socegado Lima  
 C'ó sequito dos Austros furiozos.  
 Em vão pertende Febo infatigavel  
 O dia ornar de raios luminozos,  
 Que o monstro, que asoberba a natureza,  
 Lhe oppoem de escuras nevoas a barreira:  
 E apenas à assustada gente passa  
 Humã luz duvidoza, tibia, escaça.

Os Vassallos de Eôlo  
 Fria saraiva arrojão sobre a terra;  
 Troão os ares; vejo accezo o pólo;  
 Movem-se os ventos n'uma mutua guerra;  
 Treme inquieto o mar, raivozas vagas,  
 Ora aos abismos os baixeis mergulhão,  
 Ora por entre as nuvens os entranhão,  
 E bramindo, e espumando  
 Vaão off-recellos a immortaes rochedos,  
 Que inalteraveis, quedos  
 Lhes respondem raivozos  
 Com sons desentoados, e horrorozos.  
 O pavido Piloto então desfmaia,  
 E em vão de longe vê a amiga praia.



Colhem á pressa a rede os Pescadores ;  
 Nervozos braços , e robustos hombros  
 Se applicaõ ao batél ; na arêa encalha :  
 Tudo aterrado está , cheio de aillombros  
 Tudo fugir , tudo escapar trabalha.

Os tímidos Pastores  
 Vaõ abrigar lanigero rebanho ;  
 E os folicitos pobres Lavradores  
 Vem semente perder , perder-se o amanhã  
 Dos campos , que o arado revolvêra ,  
 E em que a sua esperança mal nascera.

Aos mansos animaes , ás fêras brutas ,  
 Aos leves passarinhos  
 A tempestade encheo de horror , e medo.  
 Quaes se vaõ abrigar nas cavas grutas ;  
 Quaes vaõ procurar longe  
 Hum resto de vestidos arvoredos ,  
 Que o Inverno não desfolha ,  
 Tudo quer , quem o abrigue , e que o recolha.

Hum aligero bando de Amorinhos ,  
 Que são doce prazer desta campina ,  
 Assustados , medrozos ,  
 Se encaminhaõ á choça de Corina ;  
 Corina , que entre fêra , e graciosa  
 Para abrigar Amores poucas horas  
 Tem mais arte , que todas as Pastoras.

Quaes se vão esconder entre os doirados  
 Fios de seus cabellos,  
 Outros, quaes borboletas, são queimados  
 Na luz dos olhos bellos;  
 Qual faz que a seus ouvidos  
 Cheguem os meus terníffimos gemidos;  
 A qual ditozo toca  
 Ir recolher-se na engraçada boca;  
 Qual dos labios lhe pende,  
 E a seu sabôr o rizo solta, e prende:  
 Lá dois no niveo seio se revolvem,  
 Sobem e descem dois gelados orbes,  
 Que assim gelados, quem lhe chega inflamao;  
 Quaes nos roliços braços,  
 E quaes se estendem lédos  
 Nas jasminadas mãos, nos lindos dedos.

Mas hum, que no meu peito eu sempre abrigo,  
 Que eu nutro sempre, e vive, e está comigo,  
 Sentindo o fuçurrar dos companheiros,  
 Do coração aos olhos se me affôma,  
 Rapido vôo toma:  
 Meu dezejo atrevido he quem o guia,  
 Gira Corina em roda,  
 Desde a cabeça ate os pés lhe desce  
 Guiado do dezejo.  
 Escondeo-se, occultou-se, eu não o vejo:

*Lereno Selinuntino.*

## CANÇÃO.

**Q**ual enxame de abelhas susurrando  
 Entre as mimosas flores,  
 Vejo voar o bando,  
 Lindo bando, de aligeros Amores:  
 Poizaó na areia ás brancas azas feixaó  
 Arcos, e aljavas sobre a praia deixaó.

Na branca praia hum circulo formaraó,  
 E o fogo, que feriraó,  
 Entre as quebradas altes atearaó;  
 Contaó quanto fizeraó, quanto viraó;  
 E entre rizos, contentes  
 Zombaó do mal, que tem cauzado ás gentes.

Qual mostra a maô ainda tinta em fangue,  
 Em que enfopara o ferro,  
 Qual vem pintar o moribundo exangue,  
 Que elle ferio por erro.  
 Hum venceo com fereza, hum com afagos:  
 Ouço affustado os seus crueis estragos.

Ai que ouço hum solufando  
Sahe em soluços fria vóz partida.  
Tres vezes intentou chamar Erfando,  
Sahio-lhé a voz tres vezes dividida.

E's tu, mancebo nobre,  
A cauza do feu pranto? elle o descobre.

Tu foste o que algum dia  
Com este amor travesso  
Em tua companhia,  
Levavas as Pastoras ao excessivo  
De suspirar a teu fabor, e geito  
Fazendo arder o fogo em niveo peito.

Lembraõ-se os mais Amores,  
Q' em tu apparecendo,  
Hum bando de rivaes competidores,  
Em ciumes ardendo  
Hiaõ raivar ao longe desprezados.  
Só tu feliz quando elles desgraçados!

A verde Cintra o sabe:  
Ella guarda ternissimos segredos.  
Qual Ninfa temeno teu gamor se cacabe  
Vejo os Sustos, e os Medos  
Pintados em hum rosto,  
Em outros fazes reluzir o gosto.

Remaõ fortes membrudos Algarvios,  
E o escaler doirado  
Vai

Vai rasgando do Téjo os hombros frios ;  
 Da outra parte esperado  
 Por travessos Amores :  
 Sofrem guerra os tranquillos amadores.

Infelices amantes !  
 Vai abaldar-se a publica ternura :  
 Para os dedos brilhantes  
 Olha com pafmo a nova formozura ;  
 Inquire-se em Erfando quanto o adorna ;  
 Ouve-se o som do oiro , que elle entorna.

Chega-se á lauta meza ,  
 Fumaõ as exquisitas iguarias :  
 A infeliz pobreza  
 Sahe da sua porta em doces alegrias.  
 Tanto não era visto inda até 'gora ;  
 E o brio de hum pastor tambem namora.

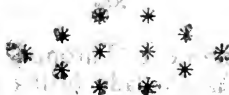
Mas tudo está mudado !  
 Erfando não quer fer o que era dantes :  
 Já de tanto vencer enfastiado ;  
 Affustados amantes  
 Deicha agora em focego :  
 Quem sabe se elle quer mais ferio emprego !

Quem será pois aquella ;  
 Que teve a forsa de fixar seu gosto ?  
 Quem pode conhecella ?  
 Que doce encanto deve ter seu rosto ?  
 Ah !

Ah! Mulher sobre-humana  
Tens justa cauza para estar ufana.

Pastor, que variando  
Tantos triunfos contas entre a gente;  
Queira Amor, que fixando  
Teu terno coração seja contente.  
Canção, faze o que eu mando:  
A mão do Protector humilde beja,  
E diz que o seu servo isto dezeja.

*Lereno Silva*



## M E M O R I A L:

## I.

**J**A' que te chega a ventura,  
 Formosa Armania, taõ perto,  
 A quem de sublime altura  
 Nos rege com tanto acerto.  
 Ouve a voz pezada, e dura  
 De quem sempre vago, e incerto  
 Erra as sortes, que procura,  
 E de mizerias cuberto  
 Vive dias de amargura  
 Crendo que o descanso certo,  
 Só terá na sepultura.

## II.

Se podes perante o Throno,  
 Onde a sãa Piedade brilha,  
 De onde o seu torna a seu dono  
 A Justiça dos Ceos filha.  
 Dá seguro, e certo abono  
 A' voz de quem se lhe humilha,  
 Filho de honrado Colono,  
 Q' em soberba, e curva quilha  
 Dos ventos ao defabono  
 Foi ao novo Mundo, e Ilha  
 Sofrer o perpetuo sono.

## III.

Não cances a Magestade  
 Com a triste , e longa historia  
 De hum Pai , cuja lealdade  
 Faz a sua , e minha gloria.  
**E** nem ha necessidade  
 Desta destinação notoria  
 Para a mover a piedade:  
 Tenho de filho a vã-gloria ;  
 Herdei-lhe a infelicidade :  
 Mas honro a sua memoria ,  
 Tu sabes , que isto he verdade.

## IV.

**Desde** o triste nascimento  
 Fundara minhas razões ;  
 Se fora aqui meu intento  
 Ir desculpar geraçoens.  
**Mas** sei , que o merecimento  
 He baze das petiçoens ,  
**E** tenho em conhecimento ,  
 Que não houve dois Adoens.  
 Louvo o Grande Rei , que attento  
 Da côr às vãs distincçoens  
 Deu á minha cabimento.

## V.

**Basta-me** , que se me desse  
 Humma educação honrada ,

Que-



Que por ella conhecesse  
 Do meu ser primeiro o nada:  
 Q' a lei do Ceo aprendesse,  
 E que á do Throno ditada  
 Fiel sempre obedecesse:  
 E esta alma ao bem inclinada  
 Sempre buscallo quizesse  
 Da honra seguindo a estrada:  
 Meu merecimento he esse.

## VI.

Affim de remoto clima  
 Deixei do Sul o Cruzeiro;  
 Vi do Norte a estrella em cima  
 De muito maior luzeiro.  
 Nas margens do claro Lima  
 Eu me vi orfaõ primeiro;  
 E entaõ da fortuna opima  
 Vi o dia derradeiro.  
 Do louvor da minha rima  
 Só passando o anno inteiro,  
 Por quem tenho paõ, e estima.

## VII.

Este pois, que a natureza  
 Me dera infeliz talento,  
 Da-me, sem me dar riqueza,  
 Esteril merecimento.  
 Vates vivem na pobreza  
 Pois do estro o atrevimento.

Tudo , parece , despreza.  
 Mas eu nisso vou com tento ;  
 Pois sei por triste certeza  
 Que se não vive do vento ,  
 E versos não fartaõ meza.

## VIII.

Se á occasiaõ pouco pelluda  
 Vou pela grenha suffer ;  
 Quero humia mão , que me acuda ,  
 Que só temo não poder ;  
 E em lida honesta , e fizuda  
 Quero ganhar que comer.  
 Qu' o estudo o estro ajuda  
 Eu ouço o amigo dizer :  
 Que me socega assim cuda !  
 Sim o estudo faz saber  
 Mas mendigo não se estuda.

## IX.

Alguem á sombra me ha posto  
 Da sua propria ventura ,  
 E me escuda ao vil desgosto  
 Que me arroja á sorte dura :  
 A vontade alhea , e gosto  
 Ninguem conte por segura.  
 Por esta porém aposto  
 Conheço-lhe a fraze pura.  
 Mas o barro assim composto

Quem sabe o tempo que dura ?  
E a que fustos ando exposto !

## X.

Quem diria, quem diria  
Quando o Grande Rei me honrou,  
E da facil Poezia  
Agradar-se assim mostrou ;  
Que de noite , que de dia  
Gratamente me escudou ;  
E a Real protecção pia  
Franquear-me começou ,  
Que tão pouco viveria ?  
Mas não vive ; e eu pobre estou ;  
Sem emprego , e sem valia.

## IX.

Sempre eu quiz , tu tens lembrança ,  
O Estado Sacerdotal  
E esperei com confiança  
Sempre no favor real.  
Este estado não se alcança  
Sem bem patrimonial.  
E a fatidica balança  
Sempre a mim mo pezou mal ;  
E eu fiquei só co' a esperança ,  
Que não dá nem hum real ,  
E que por velha se cança.

## XII.

Que se cumpra esta promessa,  
 Que me fez bens esperar,  
 Parece justo, que eu peça  
 E justo não se escuzar.

Mereça, Armania, mereça,  
 Queiras meu cazo advogar,  
 E seja com toda a preça  
 Q' he meu contrario o vagar.

A Petição appareça  
 Faze-a ler, faze-a tomar  
 Hum lugar, que nunca esqueça!  
 Tu sempre me has de lembrar.

*Lereno fil.*



## T R A D U C Ç Ã O

*De huma Carta melancolica de M.<sup>me</sup> Des  
Houlieres a huma Senhora , que per-  
tendia ser Poeta &c.*

**Q**ue gloria ! que capricho ! que esperança  
Vos tenta , e inquieta ?  
Quereis ser sabia ? O nome de discreta  
Sem disgosto , Amaranto , não se alcança.  
Nem este nome hum tempo glorioso  
Conserva nada em si de doce , e honroso.

Deste odiozo titulo oprimida  
De nada val o seres virtuoza :  
Basta ser por discreta conhecida ,  
Para em vão pertenderes ser ditoza :

Eu sei que liberal o Ceo vos dera  
Todo o esplendor de illustre nascimento ;  
Nem vosso genio espera  
Mais premio , que nutrir vosso talento.  
Tendes menos hum mal ; mas ha peiores  
Todos sem cura alguma em que meter-vos ,  
Que haveis de arrepender-vos  
De haver-des desprezado os meus clamores ;

Vereis sem vos cansar sempre aturados  
Pedantes , e Poetas ,

Que

Que vos haõ de gritar de ambos os lados  
Com obras indiscretas.

Podereis suportar hum nobre tolo

Que a penas sabe ler, e em vossos versos  
Decide como Apolo?

Nutre a murmuração peitos diversos:

Quem compra hum livro, he para rirse delle

Do longo estudo o fructo he só aquelle.

Ninguem lê porq̃ aprenda; e em varios modos

Só para murmurar he que lem todos.

Rides do meu temor; julgais quimera;

Vosso amor proprio diz-vos em fogredo,

Q' eu julgo mal, que naõ deveis ter medo

Do Censor rude à Critica mais fera.

Está bem: mas notai que entrando hum dia;

Onde a moda importuna ajuntá a gente,

Mal vosso nome hum servo pronuncia,

Tomando hum tom diff'rente,

Corre esta vóz por toda a companhia:

„ A discreta ahi temos;

„ O discurso se mude a vóz mudemos:

De nova proza, e versos só vos fallaõ;

E entaõ vos asseguro,

Que para vos ouvir todos se callaõ;

E se em discurso emphatico, e escuro

Naõ respondeis; prometo

Que murmurando o auditorio inquieto;

Diga: he esta a Discreta, e peregrina?  
Como ella falla, falla huma menina.

Ides ver ao Theatro hum Drama novo;  
Para vós olha o Povo,  
O Author tem em vós a vista fieta,  
E nos vossos meneios só medita:  
Por vós está alerta,  
E se ao gosto da gente não acerta,  
Do que se diz do Drama fois culpada,  
A risco de sofrer a Muza irada.

Mas podeis responder-me:  
Não tenhas esse medo inutil, vão;  
Já mais em tal perigo espero ver-me,  
Que eu fugirei a nescia multidão:

He verdade: porém como se evita  
A raiva, com que espreita a Corte inquieta  
A huma mulher discreta?  
Como lhe hade escapar, quem nella habita?  
Ahi o mesmo ar, que se respira  
Tras contra quem escreve inveja, e ira.

Não he coiza de rizo: estamos todos  
Forçados a viver, como escondidos.

Apenas de alguns modos  
Publica em seus bramidos.

A Deoza falladora,  
Que da Lyra tirais a vós sonora;

Os homens , e as mulheres fogem ; tremem  
Mulheres , e homens responder-vos temem.

Ha genios bem adversos ,  
Que não sofrem escuzas ,  
E cuidaõ , que quem tem trato co' as Muzas,  
Só sabe fazer versos.  
Quanto ministra a Fabula á Eloquencia  
E da historia se aprende !  
Sofrem com impaciencia  
E o saber mais do que elles os ofende.

Vendo-os n'um ar soberbo , e presumido ,  
Que affectaõ escutando  
Verso , que para elles não he lido :  
Talvez se estaõ bons votos esperando :  
Ninguem se fie desta farsa uzada ;  
Porque humas vezes não escutaõ nada :  
E muitas vezes mais nada comprehendem :  
E assim acuzação huns , outros defendem.  
Por dois bonitos toda a obra he boa ,  
E toda he má se hum verbo mal lhe fõa.

Torpe deffolação , jogos proscritos  
São seu estudo fero ,  
E elles fallaõ de Homero ,  
E de Horacio , e comparaõ seus escritos.  
Confundem d'hum , e d'outro a Poezia  
Taõ conhecidos como taõ differentes ,  
E as obras excellentes.



Trataõ como quimera ; e zombaria.  
 Inimigos crueis de lingua estranha :  
 Tem a sua ignorancia por façanha.  
 Ainda tem a Corte alguns Senhores ,  
     Que mais piedade tendo  
 Se ostentaõ generosos Protecõtores  
 Da sciencia , que está quazi morrendo.  
 Mas quanto ha de durar gente taõ bõa ?  
 Ah ! Que eu já tremo ! Eu sinto o sangue frio.  
 Lacheses , que a nenhum mortal perdõa ,  
 Levanta o golpe contra o debil fiõ.

    Que fareis vós entaõ !  
 Haveis de envergonhar-vos ? confundir-vos ?  
 Bella Amaranto , cantareis em vaõ ,  
 Sem que huma só pessoa queira ouvir-vos.

Mais de hum exemplo triste vos segura  
 Desta pronosticada desventura.

    A moda está passada :  
 Já o saber a todos desagrada.  
 Gente discreta para nada serve :  
     Fazei que se conserve  
 Destas fatais verdades a memoria ;  
     Q' ella pode vencer  
 O vaõ dezejo de huma futil gloria ;  
 Que dá muito pezar , pouco prazer.

Crede que eu bem o chego a conhecer ;  
 E já mais na Hypocrene eu beberia

A ter a liberdade de escolher.  
Mas ó dos nossos Fados Lei impia!  
Ninguém se rege a si, o esforço he vaõ,  
He mui violenta a nossa inclinação.  
Fis verso antes de ter conhecimento  
Do mal, que cauza este fatal talento.

Mas pois Vós não nascestes, que eu conheço,  
Co' o infeliz talento, que aborreço;  
Não, não vos apliqueis a estudo tal,  
Q' he concorrerdes para o vosso mal.

*Lereno Selin.*



## HEROIDA

## THESEO A ARIADNA,

**I**nconstante Ariadna ambiciosa,  
 Que por cobrir a fea aleivozia  
 Depois de ser perjura és a queixoza;  
 Essas ásperas queixas, que me invia  
 Teu falso coração, formosa ingrata,  
 Já não são, como as queixas d' algum dia,  
 Tudo a fiel memoria me retrata,  
 Fui a tua esperança, o teu conforto,  
 Agora sou o roubador Pirata.  
 Quizera o Ceo, que me chorassem morto,  
 Por não sentir as penas, que hoje sinto,  
 Antes de ver da infauſta Creta o porto.  
 Achei de fangue humano farto, e tinto,  
 Homem, e Toiro, o Monſtro, q̃ espalhava  
 Morte, e terror no vaſto labyrintho.  
 Vi lançar-se da torre, que habitava  
 O Artifice engenhoso; e como aos ares  
 Sobre as azas de cera se entregava.  
 Filho infeliz, que deſte o nome aos mares;  
 Quanto inveja Theſeo a tua forte  
 Depois de ter chegado aos patrios lares?  
 Temeste, eu não o nego, a minha morte,  
 Mudavel Ariadna! o laço eſtreito  
 D' hú novo, e puro amor julguei mais forte.

Da

Da tua be'la mão o fio aceito ;  
 Que me serve de guia: encontro , e luto  
 C'o formidavel monstro peito a peito ,  
 Livrei a Patria do fatal tributo ;  
 Mas o premio maior desta victoria  
 Era gozar do nosso amor o fructo .  
 Que breve , oh Deozes , foi a minha gloria !  
 Já sobre a não Cecropida nos vemos ,  
 E eu me julgo feliz ; doce memoria !  
 Reina a calma no mar , e nós perdemos  
 De vista a Creta ; geme felizmente ,  
 E escuma o sal batido de cem remos .  
 Quatro vezes da noite descontente  
 Rasgou a branca Aurora o vêu sombrio ,  
 Abrindo as aureas portas do Oriente .  
 Quando vimos o bosque , e a fóz do rio  
 Alegre , e focgado , os marinheiros  
 Conhecêraõ de longe a verde Chio .  
 Pizamos logo os montes , e os oiteiros  
 Offerecendo aos Deuzes tutelares  
 Huma branca novilha , e dois cordeiros .  
 No bosque índa fumavaõ os altares ,  
 Tu dormias , as nuves se amontoaõ ,  
 E principiaõ a engrossar-se os mares .  
 Corro a firmar as ancoras : já soaõ  
 Das ondas os rochedos açoitados ,  
 E os ventos , e os trovoens o mundo atroaõ .  
 Faltou a amarra : a meu pezar os fados ,  
 Que tristiffimos Fados ! me levarãõ ,  
 C'o as negras tempestades conjurados .  
Sabe

Sabe o Ceo , que fadigas me custaraõ  
 Entaõ as tuas lagrimas , e penas ,  
 Que as minhas cà de longe acompanharaõ :  
 Sem leme já , sem mastro , e sem antennas ,  
 ( Vaõ ludibrio dos mares , e dos ventos , )  
 As tristes praias avistei de Athenas.  
 Ariadna occupou meus pensamentos  
 Meu coração a teve sempre á vista ,  
 Para mais avivar os meus tormentos.  
 Que fructo logras de huma tal conquista ,  
 Theseu amante , filho sem ventura ?  
 Quem haverá que a tanta dor rezista !  
 O velho Egeo , que os Immortaes conjura ,  
 Por ver alegre o fim dos meus perigos ,  
 Teve no mar funesta sepultura.  
 Entre applausos da Patria , e dos Amigos  
 O triste coração suspira , e sente  
 O duro amor , e seus sarpoens antigos.  
 Por dar-te hum novo Reino impaciente ,  
 Espero , que depondo furor tanto  
 Neptuno aplane as agoas c'õ Tridente.  
 Duas Naos tenho promptas ; mas em tanto ,  
 Espalha a Fama por diversas partes ,  
 Que o moço Bacho te enxugara o pranto.  
 Que ambiciosa ao ver os estandartes  
 Do alegre Indiano , e seus cabellos loiros  
 Facil com elle o meu amor repartes.  
 Se Reino, ou Fama, ou Gloria entre os vindoiros  
 Busca a tua ambição n'hum ser divino ,  
 Eu sou Theseo ; Athenas tem thesoiros.  
Egeo

Egeu sahio do Reino Neptunino,  
 Na fatidica Não aventureiro,  
 Eu vi o rosto irado ao Ponto Euxino.  
 Não foi Jafão, nem Hercules primeiro  
 Combater c'os Dragoens... tu suspiraste  
 Vendo encher o meu nome o múdo inteiro.  
 Inda me lembra o dia que apertaste  
 Co' a minha a tua mão: dos nossos laços  
 Por testemunha o mesmo Ceo chamaste.  
 Tu não viste correr longos espaços,  
 Que desculpaõ o frio esquecimento;  
 E chego a ver-te alhea n'outros braços?  
 He esta a fé devida ao juramento?  
 Responde ingrata; desleal, mais dura  
 Do q' a rocha, e mais varia do que o vento.  
 Saiaõ do seio da lagoa escura,  
 Que o mesmo Jove de offender recea,  
 Negras furias, que o meu temor conjura.  
 Empunhe a ingrata o thyrsõ, e sobre a arêa  
 D'huma deserta praia os Tigres dome,  
 Com que o seu novo amante se recrea.  
 Com tanto, que o amor que me consome  
 Em odio se converta... ah! que eu deliro  
 E não posso esquecer-me do seu nome!  
 Ventos, que me obrigastes ao retiro,  
 Levai minha ternissima saudade,  
 Conheça embora a ingrata, que eu suspiro.  
 Possaõ servir de exemplo em toda a idade  
 Os nossos nomes, despertando a historia  
 Do meu amor, da sua variedade.

Sirva este meu tormento à sua gloria ;  
 Pague eu embora a culpa do meu fado ;  
 E roube-me das mãos outro a victoria,  
 Porque não fui do monstro devorado !  
 A minha desventura me guardava ,  
 Porque fosse depois mais desgraçado,  
 Frondosos arvoredos onde estava  
 Ariadna cruel , quando dormia ,  
 Ariadna , justos Ceos , qu' eu tanto amava !  
 Vós amarellas flores , tu sombria  
 Musgoza gruta , onde a infiel descansa ,  
 Mostrai-lhe a minha imagem noite , e dia.  
 Eu era o seu amor , sua esperança ,  
 O ultimo .. o primeiro .. oh Ceos ! Perjura ,  
 Quanto me custa esta cruel lembrança !  
 Não ha mais que esperar da forte dura !  
 Voai Remorsos a vingar-me : ao menos  
 Rodeai-a no seio da ventura ,  
 E turbai os seus dias mais ferenos .

## E P I S T O L A.

**M** Eu amado Laurino, caro amigo,  
 Q' em meus primeiros, e ditozos annos  
 Me mostrou a Virtude, para exemplo,  
 Que devesse imitar, e quem seguisse  
 Como modello d'hum perfeito sabio.  
 ( Sabio te chamo; não porque te mostres  
 Ao mundo em vãos escriptos pedantescos  
*Carregados de drogas da antigualha;*  
 Porém tomo este nome venerando  
 Nessa mesma accepção em que o tomavaõ  
 Da Grecia, e Lacio os perspicazes genios.

Mêu amado Laurino, já que a sorte  
 Com cem algemas, e grilhoens pezados  
 Meus infelices dias aferrolha,  
 Fazendo com que eu gema qual forçado  
 Ao remo da galé, e que não possa  
 Dispor dos dias meus, não consentindo,  
 Q' eu võe sobre as azas da Amizade  
 Descansar no teu seio alguns momentos:  
 Semelhantes a aquelles que passámos  
 ( Venturozos momentos, doces horas  
 Q' em quanto eu respirar haõ de lembrar-me)  
 Sobre as alcantiladas duras rochas,  
 Q' asfoberbaõ do mar da minha patria  
 As furiosas ondas; quando alegres



Sobre mil coufas uteis conversando  
 Via-mos mergulhar o carro d'ouro  
 Do Luminoso Sol nas ondas frias,  
 Vendo os peixes saltar por entre a espuma  
 Q' hiaõ cortando mil pequenos barcos.  
 Pois que não posso caro amigo hir ver-te,  
 Cà de longe envolvido nestes versos  
 Meu coração te envio, e vou com tigo  
 Nestes versos assim desafogar-me.  
 Este nome de Amigo, ó bom Laurino,  
 Que foi no aureo seculo tratado  
 Como hum nome sagrado ah quaõ diferente.  
 Se entende nestes dias infelices  
 Em que o mundo já velho, e delirante  
 ( Como tu dizes bem com muita graça )  
 Vai seguindo o seu curso sempre à toa  
 Qual Não sem leme, ou desbocado bruto:  
 Eu julgava algum dia, que era facil  
 A quem tinha hum caracter bom, e honrado  
 Achar muitos amigos, que o amassem  
 No mesmo justo gráo de fingeleza:  
 Correrão annos, e correu a idade,  
 Fui viajando o Sertão destes paizes  
 E achei outros aspectos, e outros ares.  
 Fui conhecendo entaõ à minha custa,  
 Q' há huma Divindade imaginaria  
 A que os Mortaes errados todos seguem  
 Q' incensaõ, que respeitãõ, que sòmente  
 Protestaõ antepôr os mais sagrados  
 Deveres da Moral, ou Leis Celestes.

Eu

Eu fallo no interesse , Irmaõ ínteiro  
 Do sagaz Amorproprio mal guiado ;  
 Do bastardo Amorproprio , naõ daquelle  
 Q' a provida natura , em nós fixara  
 Para motor de acçoens grandes , e nobres.  
 Este monstro , ó Laurino , esta medonha  
 Hydra Lernêa , que com cem cabeças ,  
 E co' as trifulcas lingoas envenena  
 Quantos chega a morder ; esta de todo  
 Apagou da amizade as claras luzes  
 Com seu halito , e bafo pestilente.  
 Se Nafario me chama , por exemplo ,  
 Seu caro amigo , e como tal me estima ;  
 Naõ he porque me estime lá no fundo  
 Do seu corrupto peito ; mas samente  
 Porque julga de mim pode zombando  
 Servir seu interesse em qualquer ramo  
 Para que me achou apto. Caro amigo  
 Tu que entendes as cousas como poucos  
 Por mais breve que eu seja bem me entendes.  
 Estima-se hum por ter mulher formoza ,  
 Por ter formozas filhas , ou cunhadas.  
 Outro porque em seus cofres entezoirá  
 Mais riquezas , que teve Cresso , ou Midas.  
 Aquelle porque o Ceo lhe dera hum genio  
 Amigo de servir mesmo aos ingratos :  
 Este porque costuma aos gabinetes  
 Penetrar dos Ministros sem licença :  
 Em fim por qualquer cousa em que se possa  
 Fundar do interesse as esperanças.

Nunca vi que hum mortal' achasse amigos  
 Só por honrado fer, fabio, modesto;  
 He precizo, que tenha alguma couza,  
 Que sirva ao interesse dos amigos.

Eis-aqui tens o *Seculo illustrado*,  
 Como os bellos espiritos lhe chamaõ!  
 Miseraveis mortais, a quem a forte  
 Deu hum singelo peito, huma alma nobre  
 Senaõ quereis ser victimas nas aras  
 Do Monstro, Deos do seculo, e dos homens,  
 O vosso coração intacto, e puro  
 Guardai-vos de entregar a amigos falsos.  
 Triste de mim, Laurino, e de outros muitos,  
 Que como eu amaõ da virtude as luzes,  
 Se entre estas densas trevas, que nos cobrem  
 Naõ vissemos os raios da Amizade  
 Brilhar quaes em ti vemos, e na quelles,  
 Que como ati o mundo naõ conhece.  
 Guarda o Ceo estes poucos escolhidos  
 Para que desta errada Humanidade  
 Os defeitos encubraõ, e desculpem  
 Para que naõ criemos raiva, e odio  
 A' geração presente, aos vız humanos.  
 Eu podera entreter-te longamente  
 Sobre taõ vasto assumpto, porém temo  
 Ser-te pezado, ainda que conheço  
 Quanto me estimas, quanto me desculpas!  
 E assim pedindo ao Ceo teus dias guarde,  
 Fecho esta Carta. A Deos Laurino caro.  
 Coridon Neptunino.

VANTAGENS, DA POBREZA,  
E DA VIDA IGNORADA.

O D E.

**F** Unestos Lucros da fatal riqueza  
Rasguem o peito da ignorante Plebe:  
Corraõ a poz do ouro, e dos diamantes  
Os Proceres soberbos.

As almas grandes pelos Ceos formadas,  
E a grandes cousas pelos Ceos eleitas,  
Tem na pobreza desprezada, e escura  
Herança apetecida.

Esse, que ignora da sua alma o preço,  
E que ante os olhos jámais vira a face  
De eternas luzes, sempre radiante  
Da candida Virtude:

Esse com pasmo, e estupefacto atolhe  
Os abundantes chapeados cofres,  
E já mais saiba, que a pobreza inculta  
He thesouro infavel.

Quem se afadiga por metal luzente,  
Q' a tantos nega caprichoza sorte,  
E que pallida furia do profundo  
Abismo, á terra trouxe.

Quem

Quem mais dezeja possuindo muito  
Entre as funestas retorcidas garras  
Da roedora macerada Inopia  
Atormentado geme.

Mas nada falta ao que dezeja nada  
Feliz pobreza mais ditosa , e rica  
Qu' a fulgurante pedraria , e sedas  
Do lucido Oriente!

Que fatal quèda se prepara ás Torres ;  
Que pelas nuvens as ameaas lançaõ :  
Já já feridas das procellas duras  
São montoes de ruinas !

Fuma entre cinzas inclita Carthago ,  
Cahem de Numancia levantados muros ,  
Espartha , e Thebas , e afoberba Athenas  
Só na memoria restaõ.

As de Corintho doricas columnas ,  
Os de Palmiro porticos soberbos ,  
O curvo arado apenas os descobre  
Nos tortuosos sulcos.

Em quanto a rama o corpulento Cedro  
No ár estende , e o Carvalho annozo  
Raizes lança , furibundo raio  
Inflama a verde pompa.

Mas leve colmo , que a cabana cobre  
Do pastor rude , que repouza alegre ,  
Seguro vê rasgar o Ceo luzente  
Pela trifulca lança.

Sob os luzentes marchetados tectos  
Se aninhaõ tristes , funebres Cuidados.  
No leito mole , de mimosas plumas  
Vélaõ impios Dezejos.

Com as estatuas de alabastro , e jaspe ,  
Que a vaidade á vaidade erige ,  
Entre suspiros , e amargozo pranto  
Tem a Tristeza hum busto.

Passa avexado pela turba inerte  
De mil Clientes , que a lizonja guia ,  
Grande Ministro de quem pende a sorte  
De Reinos , e d' Imperios.

Mais pèza o Sceptro , e abrilhante Crôa ,  
Qu' adorna a frente do Monarca altivo ,  
Qu' a vil cadeia , que o forçado arrastra  
Na profunda masmorra.

Elle no trôno de brocado feito ,  
De mil espadas sempre ali guardado ;  
Já mais seu peito placido socega  
Nos braços do repouzo.

O' tu Pobreza sacrosanta , e justa  
 Da-me os teus braços n'um amplexo doce  
 Em paz me leva ao Sanctuario occulto ,  
 Dos solidos prazeres.

De hum borel tofco rodeado o corpo ,  
 E sobre o feno reclinado alegre ,  
 Enchutos olhos para o Ceo levanto  
 Vejo tranquilo os Astros.

Volvaõ as rodas inconstantes todas ,  
 Tornem Imperios em Theatros tristes ;  
 Onde as cabeças decepadas pulem  
 Dos Varoens desgraçados.

Ou veja o rico nas opimas mezas  
 Brindando em copos de esmeralda , e oiro ;  
 Onde espumantes rubicundos fervem  
 Os licores do Rheno.

Eu bebo em couchos de cortiça apenas  
 As doces agoas de huma fonte pura ;  
 Porém não remo nos agrestes copos  
 O livido veneno.

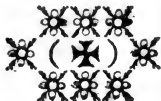
Se huma Berlinda de vernis Chinense ;  
 Tirada á força de frizoens soberbos ,  
 Não me conduz nas espaçozas praças  
 Com affombro das gentes ;

Eu fei , que apenas o supremo Nume  
Vestio de rudes abatidas pelles  
Os frageis membros do mortal humilde ,  
Que tanto se levanta.

Aos pés te calco sanguinoso Monstro ,  
De eternos males sempre rodeado ,  
Ambição cega , que os mortais illudes ,  
E ao precipicio os levas :

Em quanto o sabio de paixoens izento  
Possue o Mundo , possuindo nada ;  
Porque he contente co' a pequena herança,  
Q' a forte lhe deixara.

*Elmiro Tagidio.*





O D E  
S A P H I C A .

**P** Or mais que a forte m<sup>c</sup> elevasse ao cume  
D<sup>c</sup> onrozos cargos , de poder supremo ,  
Q<sup>c</sup> os ferreos cofres de metal luzente  
Provida abrisse ;

Nos regios paços do palacio altivo  
Por entre as mezas muzicais Artistas  
Meu grande nome retumbar fizessem  
Nos aureos tectos ;

Q<sup>c</sup> o Orbe inteiro admirasse atento  
A longa serie de montoens de glorias ,  
Que nunca visse temeroza a meta  
D<sup>c</sup> ultimo dia ;

A alma grande d<sup>c</sup> hum nascente Vate  
Só por ventura por prazer tivera ,  
Se a branda Tirce de meus ternos olhos  
Astro brilhante !

A altiva Lyra , que as phalanges guia  
D' eternos hymnos , que seu nome entoão  
Nas partes quatro do terraqueo globo  
Placida ouviſſe ;

Então ornando de virente rama  
A altiva testa ; com prazer chegara  
Nas pandas azas d' alegria à immensa  
Lucida Esphera.

Só ella pode c' hum só leve rizo ,  
C' hum terno agrado , c' hum virar dos olhos,  
Fazer-me igual aos Cidadaós do Olimpo  
Inclitos Deozes.

*Marisbeu Ultramarino.*



A<sup>c</sup> ILLUSTRÍSSIMA , E EXCELLENTÍSSIMA  
S E N H O R A  
CONDEÇA DE POMBEIRO ,  
NO DIA DE SEUS ANNOS.

**H**oje he dia de oblação,  
E eu trago do meu tezouro  
Coizas, que já raras são:  
Valem mais que prata, e oiro,  
Pedacos de gratidão.

Trago palavras, Senhora,  
Q<sup>e</sup> offertar-vos: não duvido;  
Ralhe o Mundo muito embora;  
Q<sup>e</sup> expreçoens de agradecido  
Não são de lançar-se fora.

Mas d'isto não venho mal;  
E se eu mesmo testimunho,  
Q<sup>e</sup> ante vos ser grato val:  
Da gratidão com o cunho  
Trago muito cabedal.

Trago dos meus companheiros,  
Os que vos servem commigo;  
Q<sup>e</sup> ahí vedes prazenteiros,  
Parabens de cunho antigo  
Singelos, e verdadeiros.

Qual

Qual diz: que aos Ceos vos pedio ;  
 E que do Ceo vos julgou ,  
 Apenas vos descobrio ;  
 Pois ás que o Ceo vos doou ,  
 Graças iguais nunca vio.

Qual vos vio entre as mantilhas ,  
 E logo , em belleza , diz :  
 Que podieis dar partilhas ,  
 E mostra que as repartis  
 Pelos filhos , pelas filhas.

Qual vos trouxe nos seus braços ,  
 E qual pelas andadeiras  
 Vos teve emprimeiros passos :  
 Qual conta as graças primeiras ,  
 E pueris defembaraços.

Por todos se nota entã  
 Quanto mais fieis crescendo  
 Hia crescendo a razaõ ;  
 Mais , e mais aparecendo  
 Formozura , e discriçaõ.

Trago entre tantos louvores  
 Com o toque da verdade  
 Agradecidos clamores ,  
 De vozes de toda a idade ,  
 Gentes de todas as cores.

Reparai bem no alvoroço  
De mim, e de todos estes :  
Reparai no afeito nosso :  
Para tanto vós nos destes ,  
Quanto vedes tudo he vosso.

Mas aqui não pareis , não ;  
Veja o vosso entendimento ,  
Qual vem nosso coração ,  
Que tras agradecimento  
Por cambio de gratidão.

Tomemos hum tom mais alto :  
Convem à honra do dia ;  
Saiba o Mundo que eu não faíto ,  
Dando em signal de alegria  
Até nos versos meu salto.

Dos outros dice até-qui ;  
Agora de mim direi :  
Que logo quando vos vi  
Desde então presagiei  
Cumprio-se o que eu antevi.

Inda nas fachtas honraſte  
Minha rude cantilena :  
Já quando então me eſcutaſte ,  
Sempre ao ſom da minha avena  
Piedoſos olhos voltaſte.

A minha uzada amargura  
 Diminuir-se eu sentia :  
 Cuidei que era a formosura ;  
 A cujo esplendor fugia  
 Minha feia má ventura.

Batia o meu coração ,  
 Qual podia se expressava ;  
 Elle me dizia então :  
 Qu' em vossos dias estava  
 Dos meus a consolação.

Quando na desgraça minha  
 Jozé estancou meus saes ,  
 Roguei ao Ceo , qual convinha ,  
 Desse aos outros grandes mais  
 Almas , como a que elle tinha.

Ouve o Ceo meus gritos lasso ;  
 Foi a minha voz ouvida :  
 Teceo estes doces laços ,  
 Eis-sua alma à vossa unida  
 Já nos daõ dignos pedaços.

Possa atão justa uniaõ ,  
 Segura em doces affectos ;  
 Respeitar do Tempo a maõ ,  
 E os Netos dos vossos Netos  
 Recebaõ vossa bençaõ.

Quando vai meu voto ardente  
Revoando ao Ceo assim :  
Sabe o Deos Omnipotente ;  
Que não sois só para mim  
Sois o bem de muita gente.

Portugal , que não se esquece  
Do que dos vossos lhe vem ;  
E medita o que carece ,  
Pede comigo tambem  
Q' he feu o mesmo interece.

Nega-me o Ceo cabedais ,  
Qual seja a razão não fei ;  
Porém como vós vivais ;  
Mais nada ao Ceo pedirei :  
Vivei , não dezejo mais.

D. C. B.

100

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
DEPARTMENT OF CHEMISTRY  
58 CHEMISTRY BUILDING  
CHICAGO, ILL. 60637

RECEIVED  
JAN 15 1964  
FROM THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
DEPARTMENT OF CHEMISTRY  
58 CHEMISTRY BUILDING  
CHICAGO, ILL. 60637

TO THE DIRECTOR  
OF THE NATIONAL BUREAU OF STANDARDS  
433 RIVERSIDE DRIVE  
WASHINGTON, D. C. 20535

D. C. B.



# INDICE

DAS OBRAS, QUE CONTE'M  
esta terceira Parte do Almanak  
das Muzas.

<b>B</b> <i>Ilhete de boas festas , e annos bons - - - - -</i>	<i>pag. 24</i>
<i>Cançoneta Dithyrambica - -</i>	<i>p. 52</i>
<i>Cançoneta premiada pela Academia Real das Sciencias - -</i>	<i>p. 56</i>
<i>Cançoneta o Amor convertido em Abe- lha - - - - -</i>	<i>p. 61</i>
<i>Canção a Erfando - - - -</i>	<i>p. 85</i>
<i>Dithyrambo nas faustas melhoras do Serenissimo Principe do Brazil o Senhor D. JOÃO - -</i>	<i>p. 27</i>
<i>Epistola a Laurino - - -</i>	<i>p. 106</i>
<i>Heroide Theseu a Ariadna -</i>	<i>p. 101</i>
<i>Idilio o Fauno - - - - -</i>	<i>p. 65</i>
<i>Idilio os Lagareiros - - -</i>	<i>p. 35</i>
<i>Lebreida , ou caçada Real das Le- bres - - - - -</i>	<i>p. 6</i>
<i>Memorial - - - - -</i>	<i>p. 89</i>
<i>Ode a Amizade - - - - -</i>	<i>p. 50</i>
<i>Ode Vantagens da Pobreza -</i>	<i>p. 110</i>
	<i>Ode</i>

<i>Ode a Tirce</i> - - - - -	p. 115
<i>Poema a Tempestade</i> - - - - -	p. 82
<i>Poema o Jardim</i> - - - - -	p. 74
<i>Quintilhas aos annos da Illustrissima, e Excellentissima Senhora Conde- ça de Pombeiro</i> - - - - -	p. 117
<i>Tradução da Ode de Horacio a Me- cenas</i> - - - - -	p. 3
<i>Tradução de huma Carta de M.me Des- Houlieres a huma Senhora, que pertendia ser Poeta</i> - - - - -	p. 95







